

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
GIOVANNA MOREIRA CRAVO

A FOTOGRAFIA COMO REPRESENTAÇÃO DO CONHECIMENTO DIDÁTICO:
uma abordagem semiótica

CURITIBA
2015

GIOVANNA MOREIRA CRAVO

A FOTOGRAFIA COMO REPRESENTAÇÃO DO CONHECIMENTO DIDÁTICO:
uma abordagem semiótica

Trabalho apresentado como requisito parcial
de obtenção de grau Bacharel no curso de
Gestão da Informação, Setor de Ciências
Sociais Aplicadas da Universidade Federal do
Paraná.

Orientador: Prof.º Dr. Rodrigo Eduardo
Botelho-Francisco

CURITIBA
2015

TERMO DE APROVAÇÃO

GIOVANNA MOREIRA CRAVO

A FOTOGRAFIA COMO REPRESENTAÇÃO DO CONHECIMENTO DIDÁTICO: UMA ABORDAGEM DA SEMIÓTICA

Monografia apresentada ao Curso de Graduação em Gestão da Informação, da Universidade Federal do Paraná, como requisito parcial à obtenção do título de Bacharel em Gestão da Informação.

COMISSÃO EXAMINADORA

Prof. Dr. Rodrigo Eduardo Botelho-Francisco
Universidade Federal do Paraná

Prof^ª. Joana Gusmão Lemos
Universidade Federal do Paraná

Prof^ª. Sandra de Fátima Santos
Universidade Federal do Paraná

Curitiba, 16 de dezembro de 2015.

Aos anjos que me protegem.

À minha amiga Manuela.

Aos meus avós Moreira.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus pela vida e oportunidade de chegar até aqui.

À minha mãe, Marta, pelo amor, carinho e apoio incondicional, por me dar forças para continuar.

Ao meu namorado Leonardo, por estar do meu lado em todos os momentos, bons e ruins me apoiando, me fazendo uma pessoa melhor e me auxiliando na construção de ideias deste trabalho.

À minha prima Josiane, por ser fonte de inspiração profissional e pessoal. Por acreditar em mim e em meus sonhos, me apoiando em todas as situações.

Ao meu professor, Rodrigo, por ser mais que um orientador, por ser um mentor e amigo.

À minha amiga Naya, pela amizade sincera desde pequena até hoje, por poder contar com ela nestes quatro anos de curso.

À minha amiga Gabriela, por fazer parte da minha vida acadêmica, profissional e pessoal tornando a faculdade mais fácil.

À minha amiga Manuela (*in memoriam*), por estar comigo em todas as etapas da faculdade, pelos planos e sonhos que tivemos juntas e por cuidar de todos do céu nesse último período.

A todos meus amigos de curso que tornaram esses quatro anos mais fáceis.

A todos meus professores do ensino fundamental até a faculdade, que de uma maneira ou outra me fizeram crescer e evoluir para estar onde estou hoje. Em especial a professora Maria do Carmo, por elucidar e me inspirar no tema deste trabalho.

Às minhas tias Célias, minhas segundas mães, por acreditarem em mim e me apoiarem com todo o amor e carinho.

Ao meu pai, minha irmã, avós, família e amigos que acompanham minha trajetória e torcem por mim.

A todos que fizeram ou fazem parte da minha vida: MUITO OBRIGADA!!!

*“A beleza pode ser vista em todas as coisas,
ver e compor a beleza é o que separa a
simples imagem da fotografia”.*

(Matt Hardy)

RESUMO

O presente estudo tem como objetivo geral analisar como o conhecimento didático esta sendo representado por meio da fotografia em livro didático do ensino fundamental das séries iniciais. Para isso utilizou-se como objeto de pesquisa o livro Projeto Coopera a ser utilizado no Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) do Ministério da Educação (MEC) em 2016. As análises contaram com o aporte teórico da semiótica e da fotografia, utilizando-se procedimentos metodológicos de pesquisa documental descritiva exploratória e da análise semiótica. Como resultado comprovou-se a hipótese da pesquisa de que fotografias contidas nos livros didáticos estão sendo utilizadas de forma meramente ilustrativa, sem referenciar o contexto didático que acompanha as imagens. Por fim, infere-se que representar o conhecimento por meio da fotografia para estudantes deve ser feita de maneira adequada, se possível, por meio de um cuidado na representação do conteúdo de modo a levar em consideração análises críticas, como, por exemplo, as que provenham da Semiótica.

Palavras chave: Fotografia. Fotografia didática. Análise semiótica. Livro didático. Semiótica aplica.

ABSTRACT

This research aims to analyze how the didactic knowledge is being represented through photography in Textbook of elementary school. The academic work used the book of projeto Coopera of Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) of Ministério da Educação (MEC), to be used in 2016. For analyses was used as theory semiotics and photography. For methodological procedures was used exploratory descriptive documentary research and semiotic analysis. As a result proved the hypothesis of the research that photographs contained in textbooks are being used for illustration only, without referencing the learning context that accompanies the images. Finally, it inferred that represent knowledge through photography for students should be done properly, if possible, taking into account critical analyzes, for example, Semiotics

Key-words:. Photography . Didactic photography. Semiotic. Textbook. Semiotics apply.

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 – LIVRO DIDÁTICO DO PROJETO COOPERA	18
FIGURA 2 – PRIMEIRO ANÚNCIO DE CÂMERA DA KODAK	22
FIGURA 3 – TRÍADE DE PIERCE	28
FIGURA 4 – PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	34
FIGURA 5 – CRONOGRAMA: 1º SEMESTRE DE DESENVOLVIMNTO DO ESTUDO	37
FIGURA 6 – CRONOGRAMA: 2º SEMESTRE DE DESENVOLVIMNTO DO ESTUDO	38

LISTA DE FOTOGRAFIAS

FOTOGRAFIA 1 – FOTO MAIS ANTIGA A SER PRESERVADA NO MUNDO.....	20
FOTOGRAFIA 2 – FOTOGRAFIA POST-MORTEM.....	21
FOTOGRAFIA 3 – RUA DO ROSÁRIO, SÃO PAULO.....	40
FOTOGRAFIA 4 – RUA XV DE NOVEMBRO, SÃO PAULO	41
FOTOGRAFIA 5 – ALUNOS EM CAETANO DE CAMPOS, SÃO PAULO	42
FOTOGRAFIA 6 – ALUNOS EM ARAPIRACA, ALAGOAS	44
FOTOGRAFIA 7 – ALUNOS EM GUARAQUEÇABA, PARANÁ.....	45
FOTOGRAFIA 8– ALUNOS EM AMAJARI, RORAIMA.....	46
FOTOGRAFIA 9 – PASSEATA DO MST, BRASÍLIA	48
FOTOGRAFIA 10 – ASSENTAMENTO DO MST, LONDRINA, PARANÁ	49
FOTOGRAFIA 11 – PASSEATA FORA COLLOR, 1992	50
FOTOGRAFIA 12 – PROTESTOS DE 2013 NO RIO DE JANEIRO	51
FOTOGRAFIA 13 – PROTESTOS DE 2013 NO RIO DE JANEIRO	52

LISTA DE QUADROS

QUADRO 1 – DADOS ESTATÍSTICOS DO PNLD.....	18
QUADRO 2 – CLASSIFICAÇÃO DOS SIGNOS SEMIÓTICOS	30
QUADRO 3 – DISTRIBUIÇÃO DE ILUSTRAÇÕES NO LIVRO PROJETO COOPERA..	35
QUADRO 4 – CRONOGRAMA DETALHADO DA PESQUISA.....	38

LISTA DE SIGLAS

MEC – Ministério da Educação

PNLD – Programa Nacional do Livro Didático

FNDE – Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação

MST – Movimento dos Trabalhadores Rurais sem Terra

MEB – Movimento Estudantil Brasileiro

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	13
1 FOTOGRAFIA E SEMIÓTICA	19
1.1 FOTOGRAFIA: EVOLUÇÃO E UTILIZAÇÃO NA SOCIEDADE.....	19
1.2 A FOTOGRAFIA E O ENSINO DE EDUCAÇÃO FUNDAMENTAL	23
1.3 A FOTOGRAFIA E A SEMIÓTICA.....	27
1.4 ANÁLISE SEMIÓTICA PARA A CIÊNCIA E GESTÃO DA INFORMAÇÃO.....	31
2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS PARA UM ESTUDO DE SEMIÓTICA APLICADA	34
2.1 PESQUISA DOCUMENTAL DESCRITIVA EXPLORATÓRIA.....	34
2.2 ANÁLISE SEMIÓTICA DA FOTOGRAFIA	35
2.3 CRONOGRAMA	37
3 SEMIÓTICA APLICADA: ANÁLISES FOTOGRÁFICAS	39
3.1 CONJUNTO 1 – ANTES E DEPOIS DA RUA XV DE NOVEMBRO, SÃO PAULO ...	39
3.2 CONJUNTO 2 - DIFERENÇAS NO ENSINO BRASILEIRO DE 1900 AOS DIAS ATUAIS	42
3.3 CONJUNTO 3 – A SITUAÇÃO DO MOVIMENTO DOS TRABALHADORES RURAIS SEM TERRA	47
3.4 CONJUNTO 4 – DIFERENÇAS DAS MANIFESTAÇÕES DE 1992 E 2013	50
3.5 ANÁLISE DA SEMIÓTICA APLICA ÀS FOTOGRAFIAS	53
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	55
APÊNDICE	61

INTRODUÇÃO

Sabe-se que a fotografia é uma importante fonte de informação, desde o primeiro método de comercialização em escala de captura de imagens até os dias atuais com a fotografia digital, pois ela registra e transmite de maneira verídica determinado objeto ou situação vivida.

Kossoy (1994, p. 14) afirma que a fotografia tem “papel fundamental enquanto possibilidade inovadora de informação e conhecimento, instrumento de apoio à pesquisa nos diferentes campos da ciência e também como forma de expressão artística”.

São incontáveis os meios de informações que se utilizam da fotografia como fonte de informação complementar ou acessória. Citam-se como exemplos: periódicos, livros, documentos, artigos, biografias, redes sociais, entre outras centenas. Livros didáticos também são importantes suportes de informação que contêm diversas fotografias como fontes de informação complementares ou não.

É difícil saber se o estudante, principalmente nas fases iniciais do ensino educacional, irá compreender corretamente o que a fotografia deseja transmitir. Neste caso, o papel do professor e livro didático é agir como intermediador entre o aluno e a fotografia contida no livro didático.

Brigidi (2009, p. 28) destaca que é conveniente que o leitor da imagem “saiba como, porque e para quê a fotografia foi projetada. Estas informações irão orientar a leitura da fotografia e serão necessárias para definir se ela pode ou não ser utilizada como uma fonte de informação”.

Têm-se como ideia que uma imagem, muitas vezes, pode dizer mais sobre a história do que a própria história. As fotografias mostram signos históricos ou acontecimentos que podem ajudar a testemunhar o passado. Pode-se dizer, então, que a fotografia estabelece uma cumplicidade com a história, pois, certamente, capta o momento vivido para que possa ser revista depois.

Por tanto neste estudo questionam-se como as fotografias históricas impressas no material didático estão sendo representadas como fonte de conhecimento didático para os estudantes das fases iniciais do ensino. A representação da imagem está corroborando para o

processo de ensino pedagógico? As imagens contemplam o contexto didático descrito pelos autores?

A hipótese desse estudo era que as fotografias contidas nos livros didáticos estavam sendo utilizadas de forma meramente ilustrativa, sem referenciar o contexto descrito. Acreditava-se, também, que as imagens não estavam sendo utilizadas para a construção de sentido ou representação do conhecimento. Sendo assim, este estudo se propôs a analisar esses aspectos e verificar a real utilização das fotografias para o ensino fundamental das séries iniciais.

Diante do contexto exposto, a pesquisa propôs como objetivo geral analisar como o conhecimento estava sendo representado por meio da fotografia em livros didáticos do ensino fundamental das séries iniciais.

E para se atingir o objetivo geral, foram desenvolvidos os seguintes objetivos específicos:

- Analisar os aspectos e representações do conhecimento a partir das fotografias do livro didático de história do Projeto Coopera;
- Verificar as relações entre as fotografias e o contexto descrito dentro do livro.
- Verificar como as fotografias estavam sendo utilizadas. Se apenas de modo ilustrativo ou se complementavam o conhecimento dos estudantes;
- Analisar a como a Gestão da Informação(GI) contribuiu para o tema;
- Verificar como as fotografias estavam sendo representadas por meio de signos que cooperem para a questão da didática na sala de aula.

É importante descrever que a relevância social e acadêmica deste trabalho se dá por saber que o hábito da leitura é um grande estímulo à criatividade, inteligência, imaginação, capacidade verbal e a concentração das crianças. Sabe-se também que os livros deveriam estar presentes no dia-a-dia dos meninos e meninas do mesmo modo que seus brinquedos. As obras escritas de qualidade e relevância enriquecem a todos e nos leva a mergulhar em informações diversificadas.

Bueno (2006) defende que o interesse das crianças aos livros infantis, lúdicos, atrativos e prazerosos, que constroem a imaginação e a criatividade, devem ser livres e espontâneas. O prazer de ler está associado à atração e à capacidade de imaginação que o livro proporciona. Segundo a autora, indivíduos da “faixa etária de 7 a 14 anos criam expectativas em descobrir o que o livro tem a oferecer”. Afirma também que ao ler, as crianças constroem

seus próprios significados, elaborando, assim, suas próprias questões: rejeita, confirma e/ou reelabora as suas próprias respostas.

Colombo (s.d) afirma que as ilustrações de livros para a infância “são de grande importância para ajudar a atrair a atenção da criança para o livro e possivelmente sua leitura, auxiliando na formação de leitores e contribuindo no processo de aquisição da leitura e escrita”. Discorre também que os investimentos que têm ocorrido em projetos gráficos de livros infantis estão cada vez mais modernos, com ilustrações cada vez mais ricas em conteúdos que, em alguns casos, chegam a dispensar a linguagem escrita, como nos livros de imagens.

O livro ilustrado serve, dentre outras possibilidades, para desenvolver a educação visual da criança que ainda é precária. Uma das qualidades e vantagens do livro com imagens está em treinar o olhar do leitor de modo a compreender todas as sutilezas artísticas do trabalho que tem em mãos. Canabarro (2005, p. 1-2) afirma que

as imagens parecem mais sedutoras do que a realidade, permitem ao observador fazer viagens por lugares nunca antes imagináveis e descobrem o próprio mundo. Dentre a diversidade de imagens, escolhe-se a fotografia para a discussão sobre o conhecimento, pois se compreende como uma fonte de valor inestimável na construção de interpretações sobre a história.

Hoje em dia, a fotografia digital e as mídias sociais facilitam a reprodução de imagens. Com isso, são geradas e compartilhadas milhões de fotografias no mundo por segundos. Sendo assim, é possível descrever a necessidade de educar as crianças com fotografias para que possam discernir aspectos únicos contidos em cada imagem e o que a fotografia pretende demonstrar, para que no futuro possam compreender cada signo presente nas imagens. Como recurso didático Santana *et al* (s.d) afirmam que

a fotografia pode ser entendida como uma fonte infinita de dados, fatos e informações, transformando-se por isso, em um poderoso instrumento de "materialização" de lugares nunca antes visitados por alguns. Não podemos, por exemplo, falar de geleiras ou montanhas, sem que o aluno nunca tenha visto uma. Um simples desenho no quadro muitas vezes não é suficiente para a classe. Deparamo-nos com alunos que anseiam por recursos visuais, auditivos, sinestésicos ou o conjunto dessas exigências

Portanto, a imagem fotográfica em livros didáticos infantis é uma importante fonte de informação para alunos de 7 a 14 anos de idade. Pois possibilita às crianças criarem, imaginarem e observarem diferentes fatos ainda desconhecidos por eles.

Analisar as fotografias no livro didático para o ensino fundamental das séries iniciais é de grande valia visto que o governo investe milhões de reais anualmente em programas voltados para isso, como o Programa Nacional do Livro Didático (PNLD).

Logo, optou-se por utilizar um dos livros disponíveis pelo Programa Nacional do Livro Didático. O PNLD que é direcionado à aquisição e à distribuição de livros aos alunos dos anos iniciais e finais do ensino fundamental e do ensino médio de escolas públicas em âmbito nacional. Segundo o Ministério da Educação, o PNLD:

tem como principal objetivo subsidiar o trabalho pedagógico dos professores por meio da distribuição de coleções de livros didáticos aos alunos da educação básica. Após a avaliação das obras, o Ministério da Educação (MEC) publica o Guia de Livros Didáticos com resenhas das coleções consideradas aprovadas. O guia é encaminhado às escolas, que escolhem, entre os títulos disponíveis, aqueles que melhor atendem ao seu projeto político pedagógico.

Os dados estatísticos do quadro 1 apresentados pelo Fundo de Nacional de Desenvolvimento da Educação (FNDE), mostram a grande abrangência do programa nos últimos três anos. Caracterizando, assim, a importância de analisar se esta havendo o correto uso das imagens fotográficas nestes livros didáticos.

Ano de Aquisição	Ano do PNLD (letivo)	Alunos Beneficiados	Escolas Beneficiadas	Exemplares	Investimento	Atendimento
2014	PNLD 2015	11.032.122	47.225	25.454.102	203.899.968,88	Reposição Ensino Fundamental: 1º ao 5º ano
		10.774.529	51.762	27.605.870	227.303.040,19	Reposição Ensino Fundamental: 6º ao 9º ano
		7.112.492	19.363	87.622.022	898.947.328,29	Aquisição Completa Ensino Médio
		28.919.143	-	140.681.994	1.330.150.337,36	Total
2013	PNLD 2014	23.452.834	46.962	103.229.007	879.828.144,04	Reposição Ensino Fundamental: 1º ao 5º ano
			50.619			Aquisição Completa Ensino Fundamental: 6º ao 9º ano
		7.649.794	19.243	34.629.051	333.116.928,96	Reposição Ensino Médio
		31.102.628	116.824	137.858.058	1.212.945.073,00	Total
2012	PNLD 2013	24.304.067	47.056	91.785.372	751.725.168,04	Aquisição Completa Ensino Fundamental: 1º ao 5º ano
			50.343			Reposição Ensino Fundamental: 6º ao 9º ano
		8.780.436	21.288	40.884.935	364.162.178,57	Reposição Ensino Médio
		33.084.503	-	132.670.307	1.115.887.346,61	Total

QUADRO 1 – DADOS ESTATÍSTICOS DO PNLD

FONTE: BRASIL(2015).

Com isso, selecionou-se o material do Projeto Coopera da Editora Saraiva (Figura 1), pois além de possui fácil acesso ao livro do professor – formato impresso e PDF – o livro será utilizado nos próximos três anos a partir de 2016, ou seja, até o final de 2018.

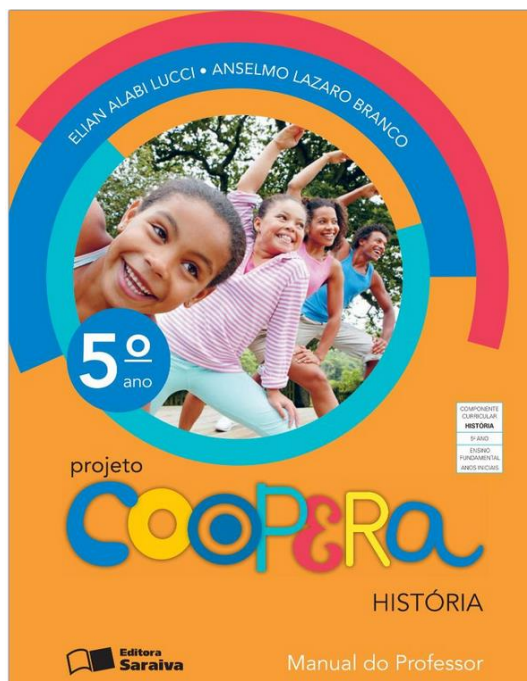


FIGURA 1 - LIVRO DIDÁTICO DO PROJETO COOPERA
FONTE: EDITORA SARAIVA (2015).

O projeto Coopera é composto das seguintes coleções: Ciências, Letramento e Alfabetização, Língua Portuguesa, Alfabetização Matemática, Geografia, Matemática, História. Os livros do projeto são organizados em quatro unidades com seções e atividades planejadas. A organização dos livros e os seus conteúdos contribuem para o planejamento do professor, adequando-se ao período letivo.

O livro de História do projeto estimula a curiosidade e o interesse dos alunos sobre o tema a ser desenvolvido. No material a intenção é verificar os conhecimentos prévios dos alunos e promover a interatividade e a integração de todos no espaço da sala de aula. Desta forma, os estudantes são preparados para a passagem do senso comum ao conceito.

Tendo em vista que os alunos do último ano do ensino fundamental 1 (5º ano) possuem maiores capacidades de interpretação de imagens que os alunos de séries inferiores, selecionou-se este livro como objeto de estudo desta pesquisa.

1 FOTOGRAFIA E SEMIÓTICA

Este tópico tem como intuito apresentar o estado da arte de temas como a fotografia, sua evolução e utilização na sociedade, principalmente na contemporânea como recurso didático. Além das relações entre fotografia e semiótica e a ciência e gestão da informação.

Esses temas são importantes, pois remetem ao objeto e objetivo deste trabalho, assim como para os métodos empregados na análise das fotografias dos livros didáticos.

1.1 FOTOGRAFIA: EVOLUÇÃO E UTILIZAÇÃO NA SOCIEDADE

Pode-se dizer que a fotografia é a arte de se desenhar com luz, pois sem a luminosidade não haveria foto, ficaria tudo escuro ou preto. Sendo assim, a técnica inicial da fotografia passa por uma exposição luminosa que fixa a imagem em uma superfície sensível.

Desde o início da fotografia pôde-se perceber as inúmeras utilidades que ela teria com aprimoramento de suas técnicas. Com sua evolução, poderia auxiliar em diversas áreas, como a científica, de eventos, documental, subaquática, médica, arquitetônica, publicitária, jornalística, artística, arqueológica, de viagens, entre outras. Contudo, para chegar na tecnologia digital que há hoje em dia, muito teve-se que evoluir.

Existem várias histórias sobre a criação da fotografia. Uma delas aponta Louis Daguerre como seu pai. Entretanto, existem outras teorias que afirmam que foi Joseph Nicephore Niepce o inventor. A realidade é que a invenção da fotografia não se deu por uma pessoa, mas sim por diferentes autores, trabalhando em conjunto ou em paralelo em diferentes locais do mundo ao longo de muitos anos.

Nemes (2014) afirma que, em 1793, Joseph Nicephore foi um dos primeiros a conseguir “imprimir” a luz em uma superfície sem usar qualquer tipo de tinta. Contudo a imagem desaparecia após algum tempo. Niepce usava uma câmara obscura¹ (conhecida atualmente como pinhole), e um modelo especial de papel com cloreto de prata. Em 1824, o

¹ A câmara obscura ou pinhole consiste numa caixa com um furo o qual a luz passa e atinge uma superfície interna, onde é reproduzida a imagem externa proporcional e invertida.

fotógrafo encontrou um método que permitia maior duração das imagens na superfície sensível.

A fotografia 1, abaixo, foi clicada na França, em Saint-Loup-de-Varennnes, em 1826, por Joseph Nicéphore Niepce, com a técnica de fixação de maior duração. Conhecida como *View from the Window at Le Gras* (Vista da janela no Le Gras), é a imagem mais antiga a ser preservada no mundo.



FOTOGRAFIA 1 – FOTO MAIS ANTIGA A SER PRESERVADA NO MUNDO

FONTE: NEMES, 2014.

NOTA: Autor da fotografia Joseph Nicephore Niepce ,1826. Título: *View from the Window at Le Gras*.

O clique nesta época durava horas, algumas vezes, dias, tendo que interromper o processo e continuar no dia seguinte dependendo da luminosidade do local. Nemes (2014, p. 1) também afirma que:

Em 1834, Henry Fox Talbot criou uma versão bem primitiva do que posteriormente seria o negativo fotográfico, que ajudaria a tornar mais popular a fotografia. Mas foi apenas em 1849 que Louis Daguerre trouxe a arte, que era até então totalmente experimental e complexa, a um novo patamar.[...] Daguerre queria levar a fotografia para mais pessoas e começou a estudar os métodos de Niepce para criar uma forma de criar um mecanismo que até os leigos pudessem utilizar em casa para capturar momentos especiais.

Daguerre, com apoio do governo francês, criou a primeira patente para um processo fotográfico, o Daguerreótipo. O inventor disponibilizou seu trabalho de forma pública para pesquisa, o que o tornou o primeiro método de captura de imagens a ser comercializado em escala, permitindo a popularização da fotografia.

Miklós (2013) afirma que após a criação de Daguerreótipo surgiu a prática da fotografia *Post-Mortem*, que significa após a morte. Esta técnica teve origem na Inglaterra, na era vitoriana (1837- 1901), quando a Rainha Vitória solicitou a um fotógrafo que fotografasse o cadáver de um parente que havia morrido para guardar de lembrança. Assim começou a prática por meio da qual falecidos apareciam deitados, sentados ou até mesmo em pé, como se

tivessem vivos. Além disso, como a fotografia demorava horas para ser tirada, era muito mais fácil fazer um retrato com alguém imóvel, ou seja, morto. A fotografia 2, mostra esta prática. É possível observar que a pessoa morta na foto é a mulher que está em pé, pois sua mão está nitidamente mais escura que o resto do corpo, indicando, neste caso, a morte.



FOTOGRAFIA 2 – FOTOGRAFIA POST-MORTEM

FONTE: MIKLÓS, 2013.

NOTA: Autor desconhecido, s.d.

Nemes (2014, p. 1) afirma que depois do daguerreotipo houve inúmeras evoluções fotográficas por parte de diversos autores, como pode ser observado no trecho a seguir:

Frederick Scott Archer — melhorou a resolução das imagens usando emulsão de colódio úmida e barateou o custo de produção de cada fotografia; Félix Nadar — Primeiro fotógrafo a capturar imagens aéreas e um dos primeiros donos de estúdio de retratos; Adolphe Disderi — criou um método de captura e impressão (Carte-de-visite) que barateava os custos de impressão e foi um dos responsáveis pelo sucesso mundial da fotografia de retrato; James Clerk-Maxwell — apresentou, em 1861, o primeiro método de fotografia colorida. Obtida através do uso de três negativos, essa técnica serviu de inspiração para outros pesquisadores; Mathew Brady — juntou uma equipe para, pela primeira vez, fotografar cenas de guerra. Aproximadamente 7000 negativos da Guerra Civil foram feitos entre 1861 e 1865; Ducos du Hauron — pesquisador francês e pioneiro nas técnicas de fotografia colorida. Publicou um dos primeiros livros sobre o assunto; Richard Leach Maddox — inventou o método de fixação das imagens usando uma suspensão gelatinosa, que substituiria a emulsão de colódio úmida, criando as primeiras chapas secas, que tornaram o processo de revelação mais simples.

Após Maddox, George Eastman – fundador da Kodak – obteve a patente de sua máquina com placa de revestimento. Segundo a Multinacional Kodak (2015), em 1883, Eastman surpreendeu o comércio com o anúncio do filme em rolos (figura 2) com o suporte de rolo adaptável a quase todos os tipos de câmera com placa no mercado. Em 1888, seu criador colocou a fundação para fazer a fotografia disponível para todos. Contudo, somente

em 1935 a Kodak lançou os Kodachromes, que admitia tirar fotografias coloridas com as câmeras da empresa.

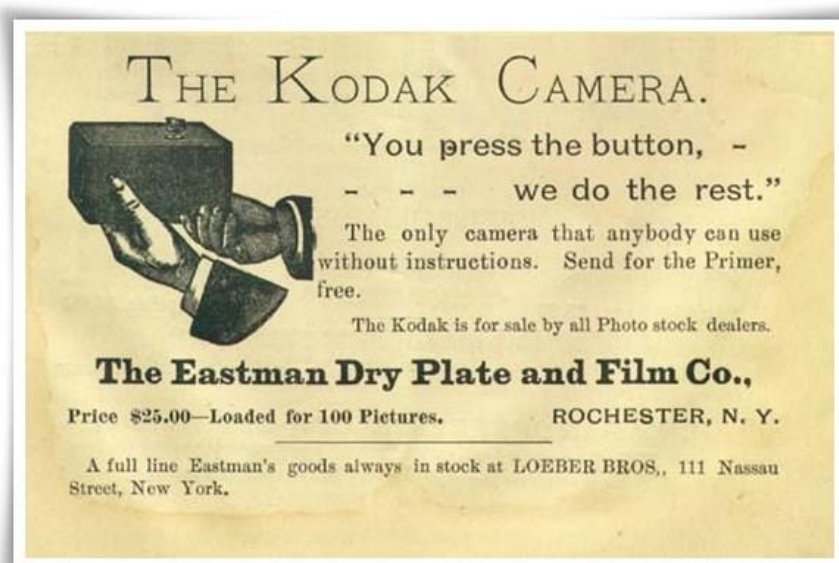


FIGURA 2 - PRIMEIRO ANÚNCIO DE CÂMERA DA KODAK
FONTE: NEMES, 2014.

Após a popularização da fotografia colorida por meio de processos avançados, seus preços foram ficando cada vez mais acessíveis a outros públicos. A próxima grande evolução das fotografias veio por meio da técnica digital. Entre os benefícios trazidos por esta mudança pode-se mencionar a possibilidade de visualizar a imagem antes da impressão, do ilimitado número de fotos que podem ser clicadas, dos baixos custos para impressão etc.

Oliveira (s.d, p.3) afirma que a fotografia digital

provocou uma ruptura entre os profissionais da imagem, principalmente fotojornalistas, dando origem a três categorias de profissionais no mercado de fotografia: a primeira é formada por veteranos fotógrafos, a segunda, por fotógrafos que vêm acompanhando a morte gradativa da fotografia analógica, e a terceira, por fotógrafos mais jovens, que assistem ao nascimento da fotografia digital.

Discorre também que com o meio virtual a imagem é transformada em milhares de “pulsos eletrônicos”. A fotografia digital pode ser armazenada em computadores, CD ou cartões de memórias e pode ser transmitida por satélite logo seguida de sua produção, com a ajuda de aparelhos eletrônicos moveis, rapidez que a fotografia analógica não dispõe.

Logo este percurso histórico da fotografia tem um papel importante para compreender a utilização da imagem na sociedade como uma inovação, um processo de comunicação, de registro, de documentação como representação de um fato real.

1.2 A FOTOGRAFIA E O ENSINO DE EDUCAÇÃO FUNDAMENTAL

Têm-se como premissa que o trabalho com imagens tem sido cada vez mais valorizado pelos historiadores, fotógrafos, professores, comunicadores, entre outros profissionais devido sua interdisciplinaridade. Com isso, também pode-se observar que as fotografias estão cada vez mais presentes nos livros didáticos, no cotidiano das crianças e na sala de aula, incluindo os conteúdos preparados por professores que buscam proporcionar maior atrativo às aulas.

É importante salientar que a Educação e a Comunicação estão interligadas e são praticamente indissociáveis, visto que a Educação utiliza diferentes práticas comunicativas como a utilização de imagens.

Troyan *et al.* (2013, p. 2) afirmam que a educação nas escolas passou por transformações com o advento da tecnologia da comunicação, como computadores, fotografias e lousas digitais. Os autores afirmam que “em sala de aula o campo visual é importante, pois retém a atenção dos alunos e fixa melhor o conteúdo despertando a sua imaginação”.

Com isso, o uso da fotografia como fonte de pesquisas históricas vem sendo debatido a longa data. São diversos os estudos sobre a relação entre fotografia e História, alguns dos quais serão apresentados a seguir. Existem também alguns estudos que abordam sobre as técnicas e metodologias para se trabalhar com imagens fotográficas para se conhecer o passado.

A utilização de ilustrações em salas de aula oferece enriquecimento da leitura visual. Destaca-se o uso da fotografia como uma linguagem educacional que se agrega às demais. Entretanto, as pesquisas analisadas defendem que os conteúdos imagéticos jamais devem ser entendidos como mera ilustração aos textos. Mesmo entendimento desta pesquisa, que pretende mostrar a importância de se apontar as fotografias do livro didático associadas ao conteúdo ali presente para a melhor compreensão dos estudantes. Sendo assim, as imagens no ensino de história devem se articular ao texto, podendo serem feitas leituras críticas do acervo de ilustrações.

Gejão (2008, p. 1-2) afirma que

A fotografia pode ser um instrumento significativo nas aulas de História, por fornecer aos professores importantes recursos que auxiliam-no em sua tarefa de promover a aprendizagem dos alunos. Devido às cenas recortadas e representadas na imagem congelada que, além de conter informações novas sobre os fatos históricos,

que auxiliam na formação de alunos capazes de raciocinar historicamente, criticamente e com sensibilidade sobre a vida social, material e cultural das sociedades, tem também o potencial de despertar o interesse dos alunos, uma pré-disposição em aprender. [...] Considerando que a linguagem é um dos princípios do conhecimento, pois está totalmente implicada em todas as nossas tentativas de perceber a realidade, a fotografia, por ser uma linguagem imagética, atua como um mediador para a percepção do mundo e para o processo de construção do conhecimento sobre este mundo.

Tessari (2012, p. 484-485) discorre que

A apresentação da história da fotografia mostra-nos as inúmeras possibilidades de sua exploração pelo professor de História. Em primeiro lugar, é indispensável que se adote uma postura interdisciplinar diante da imagem, para então extrair todas as potencialidades que a fotografia pode oferecer ao ensino de História. [...] a fotografia é uma invenção coletiva (ideia das “descobertas múltiplas”) e como ela surge de inúmeras experiências científicas em diferentes áreas do conhecimento (como a química e a física).

Santana *et al.* (s.d, p. 2) afirmam que apesar das fotografias se constituírem como meio de comunicação, não fazem o uso do texto verbal, sendo somente a leitura visual essencial na captação das informações, destoando desse modelo padrão meramente expositivo de conteúdos. Os autores afirmam que “ao que se refere à leitura e interpretação das imagens e fotografias, haverá valorização, principalmente do sujeito que as lêem.” Isto é, a leitura estará condicionada à realidade, à história, e ao conhecimento de mundo de cada sujeito, o que favorecerá uma melhor compreensão dos conteúdos, da realidade e das teorias advindas dos livros didáticos.

É válido lembrar que ao trabalhar as imagens em sala de aula, o professor e o aluno devem ter em mente que as imagens retratam fragmentos da realidade, restando somente o fato acontecido, um testemunho visual. Contudo, destaca a priori a importância de uma interpretação, pois vemos por meio dos olhos do fotógrafo. E deve-se levar em conta o momento histórico específico, o contexto social, político, estético e econômico em que se passa o retrato. Para o historiador e professor, essas informações são imprescindíveis para o processo de construção de conhecimento didático.

Souza (2001, p. 4) descreve que o desafio, tanto para o pesquisador quanto para o professor que busca utilizar a fotografia como objeto de estudo consiste na interpretação. Enquanto receptor da imagem, ele não pode desconsiderar os mecanismos implicados em sua recepção.

Ciacareli (2011) afirma que

Existe um paradoxo quanto ao trabalho de imagens em sala de aula, pois, enquanto os alunos estão mais preparados para lidar com as competências tradicionais que são estudadas desde seus primeiros anos de alfabetização como escrever, ler e contar, eles vivem em um mundo que aplica a imagem na maior parte dos meios de comunicação, já que é uma das formas de expressões humanas mais rápidas e eficazes para transmitir uma mensagem. Logo, é inegável que para compreensão de

mundo, o trabalho com a análise de imagens completa as já desenvolvidas competências tradicionais.

Mussoi (2008, p. 2) verifica a importância da educação no sentido de proporcionar uma leitura fotográfica do mundo onde a imagem desempenha um papel fundamental. Cabe à escola como instituição de ensino e aos professores como agentes do conhecimento, a responsabilidade pela formação de sujeitos que enfrentarão os novos paradigmas da sociedade contemporânea. Contudo, o autor identifica que o processo de inserção deste meio de comunicação imagético ocorre de forma lenta no meio escolar. Viabiliza-lo exige condições de acesso, superar obstáculos, desenvolver de novas linguagens educacionais e novos procedimentos metodológicos.

Muamed (1996, p. 7) apresenta a necessidade de se analisar o conteúdo da mensagem fotográfica por meio de metodologias como a abordagem histórico semiótica. A elaboração desse método vem sendo utilizada em diferentes tipos de fotografias e por diferentes profissionais. Contudo, existem autores que apontam a metodologia de trabalho documento-monumento a ser utilizada em sala de aula para se obter uma resposta significativa no aprendizado dos alunos.

A fotografia é uma fonte histórica que demanda por parte do historiador um novo tipo de crítica. O testemunho é válido, não importando se o registro fotográfico foi feito para documentar um fato ou representar um estilo de vida. No entanto, parafraseando Jacques Le Goff, há que se considerar a fotografia, simultaneamente como imagem/documento e como imagem/monumento. No primeiro caso, considera-se a fotografia como índice, como marca de uma materialidade passada, na qual objetos, pessoas, lugares nos informam sobre determinados aspectos desse passado - condições de vida, moda, infra-estrutura urbana ou rural, condições de trabalho etc. No segundo caso, a fotografia é um símbolo, aquilo que, no passado, a sociedade estabeleceu como a única imagem a ser perenizada para o futuro. Sem esquecer jamais que todo documento é monumento, se a fotografia informa, ela também conforma uma determinada visão de mundo. (MUAMED, 1996, p. 8)

Tessari (2012, p. 487), além de apontar a fotografia como documento-monumento descreve a interdisciplinaridade da imagem fotográfica em aulas de História ao considerá-la sob um viés antropológico. Discorre também que a imagem enquanto documento ou indício do passado não pode ficar desassociada da ideia de cultura. Para compreendê-la a partir desse aspecto, a melhor sugestão é seguramente utilizar a noção de “cultura visual”.

Com isso o autor afirma que abordar a interdisciplinaridade da fotografia e oportunizar o desenvolvimento de um novo olhar aos alunos diante das imagens, relacionando-a com os seus contextos históricos de produção, circulação e consumo, é certamente uma boa escolha para o professor de História.

Logo, o autor conclui a importância dos professores utilizarem a imagem, principalmente a fotográfica, com mais segurança e, acima de tudo, desassociando-a de sua função meramente ilustrativa – o que pode ser verificado em muitos livros didáticos, que as apresentavam em tamanhos exíguos que impossibilitam uma observação detalhada.

Ao realizar uma pesquisa com os estudantes da disciplina de geografia do Colégio Estadual Floriano Peixoto do Município de Laranjeiras do Sul no Paraná, Mussoi (2008, p. 3) conseguiu perceber que a fotografia estabelece um importante objeto didático.

podendo contribuir na formação dos conceitos geográficos básicos e no entendimento das relações sócio-espaciais, à medida que desperta no aluno o desejo de aprender através da linguagem visual. A leitura do espaço pela fotografia torna as aulas mais interessantes e prazerosas, levando os alunos a buscarem outras fontes para aprofundar seus conhecimentos.

Mussoi (2008, p. 4) considera que os procedimentos para leitura da imagem devem ser desenvolvidos por meio destas três etapas: observação, análise e interpretação, possibilitando, assim, a articulação das técnicas de leitura visual com os conteúdos trabalhados. O autor propõe, através da linguagem de expressão dos alunos, avaliações com bases em fotografias como uma forma de diversificar os instrumentos de avaliação, bem como alguns pontos que devem ser levados em consideração pelos professores ao utilizarem este recurso em suas avaliações.

Reis (s.d) relatou, em uma pesquisa teórico-prático, a vivência como professora do 1º grau da Rede Pública Estadual de Ensino. A autora afirma que muitas vezes no processo Ensino/Aprendizagem pública teve dificuldades com relação a limitação de recursos. Contudo, a vontade de ensinar fez com que levasse para o ambiente escolar conhecimentos adquiridos na formação acadêmica na área de comunicação, levando para a sala de aula imagens fotográficas.

No cotidiano da sala de aula, o processo de comunicação proveniente da utilização das imagens fotográficas como material de apoio didático, pode viabilizar uma prática educacional mais direcionada à formação de cidadãos críticos, desde que, na linguagem da Comunicação Visual o conceito de **Educar** transmute para **Ensinar a olhar**. Num mundo onde vivemos rodeados de imagens, o fundamental é saber interpretá-las, de modo que, ao observar uma imagem, o indivíduo seja capaz de desvendar seus vários sentidos.(REIS; s.d, p. 1)

Reis (s.d, p. 3) afirma também que

Apesar dos inúmeros benefícios propiciados pela utilização de fotografias no Ensino Fundamental, o principal deles, certamente, é a possibilidade de libertar a Pedagogia do verbalismo a que está fadada há tantos anos devido as Concepções Conservadoras da Educação, sobretudo, a tradicional centrada na transmissão de conteúdos. No entanto, para que a utilização da fotografia favoreça a formação de

indivíduos críticos, é necessário que ela seja utilizada pelos educadores, como algo mais que uma simples ilustração.

Com isso pode-se afirmar que a utilização da fotografia na prática educacional tem apresentado resultados positivos. Porém, vale lembrar que a imagem não pode estar presente neste contexto meramente como uma gravura no livro didático com o objetivo de reforçar os textos do material oferecido aos alunos. A fotografia deve contribuir para a produção visual do aluno, contribuindo com compreensão, questionamentos, e evocando uma leitura crítica da realidade.

1.3 A FOTOGRAFIA E A SEMIÓTICA

Dada a popularização da fotografia e sua contribuição para memória, visto sua capacidade de registro, práticas profissionais como o Jornalismo e a Publicidade se apropriaram do uso da imagem no processo de comunicação. O mesmo ocorre na produção de outros produtos editoriais, como o livro didático, objeto de estudo deste trabalho. No entanto, compreender estes usos e as intencionalidades no processo comunicativo passa a ser também um desafio, uma vez verificada a importância da fotografia na transmissão de ideias para sociedade moderna e contemporânea. Uma das possibilidades de compreender este fenômeno, por sua vez, vem da Semiologia e da Semiótica.

Não é possível afirmar que Semiologia e Semiótica são sinônimos. No entanto, de modo simplista, pode-se dizer que ambas possuem algo em comum: estudam os signos.

Cunha e Cavalcanti (2008) afirmam que o termo Semiologia foi criado por Saussure para indicar a ciência que estuda a vida dos signos no meio da vida social. Ela instruirá o que os signos consistem e que leis os regem. Segundo os autores, é o estudo dos sinais e símbolos. Ao recorrer a outro pensador do tema, Roland Barthes, afirma que este inverte a definição saussuriana a entendendo como uma translinguística que examina todos os sistemas sógnicos reportáveis às leis de linguagem.

Para Santaella (2007), a Semiótica “é a ciência que tem por objeto de investigação todas as linguagens possíveis, ou seja, que tem por meta o exame dos modos de constituição de todo e qualquer fenômeno como fenômeno de produção de significação e de sentido”. Peirce (1995, p.49) afirma que:

Um signo, ou representamen, é aquilo que, sob certo aspecto ou modo representa algo para alguém. Dirige-se a alguém, isto é, cria, na mente dessa pessoa, um signo equivalente, ou talvez um signo mais desenvolvido. Ao signo assim criado denomino interpretante do primeiro signo. O signo representa alguma coisa, seu objeto. Representa esse objeto não em todos os aspectos, mas com referência a um tipo de idéia que eu, por vezes, denominei fundamento do representâmen.

A Semiótica e a Semiologia possuem abordagens extremamente diferentes. Saussure buscou demonstrar em sua abordagem na França a semiologia intensificando a linguística enquanto ciência. Já Peirce, em sua abordagem na América, busca a semiótica para responder melhor a questão das bases fenomenológicas, as matrizes de linguagens.

No Brasil, uma das principais estudiosas da Semiótica pierciana, Lúcia Santaella, se dedicou a estudar estas matrizes de linguagem.

A Semiótica a partir desta perspectiva das matrizes linguagens contribui para este trabalho ao apresentar uma abordagem rigorosa para a fotografia, permitindo analisa-la a partir de um quadro referencial consistente, de forma a compreendê-la nos seus contextos de representação e comunicação, como, por exemplo, no livro didático.

Peirce (1995) apresenta como fator principal de sua teoria a tríade: signo, interpretante e objeto, a qual pode ser visualizada na figura 3:

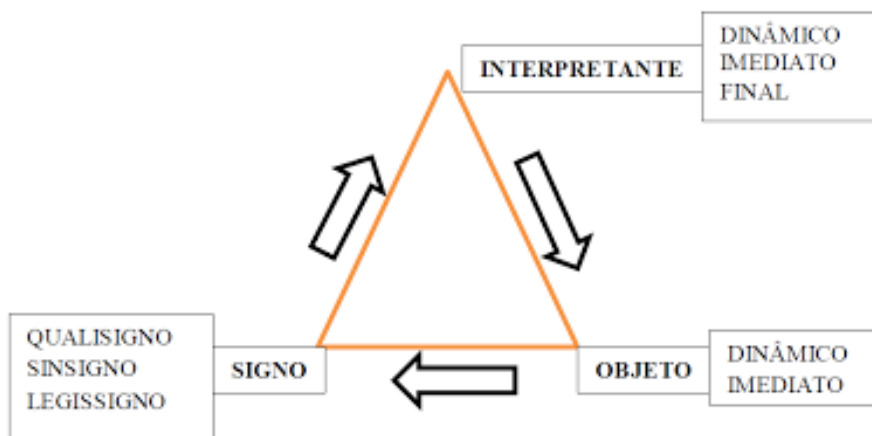


FIGURA 3 - TRÍADE DE PIERCE
FONTE: ADAPTADO DE PIERCE, 1995

Signo é aquilo que representa algo para alguém. Dirigindo-se a alguém, e criando algo na mente dessa pessoa. Um signo similar, ou talvez, mais desenvolvido. O signo com relação a ele mesmo pode-se subdividir em três: (1) qualisigno, uma qualidade que é signo; (2) sinsigno, que abrange um existente singular; (3) legissigno, um signo que é lei, geralmente arbitrário.

O Objeto possui duas subdivisões: (1) dinâmico, o objeto como o próprio signo o representa; (2) imediato, o objeto como está representado.

Já o Interpretante pode ser: (1) imediato, aquilo que o signo produz na mente interpretadora; (2) dinâmico, aquilo que o signo produz de efetivo em cada mente singular; (3) final modo como qualquer mente reage ao signo.

Santaella (2005), ao abordar semiótica, define com clareza os três modos como os fenômenos aparecem à consciência: Primeiridade, Secundidade e Terceiridade. Entretanto, a autora enfatiza que essas não são categorias como entidades mentais, mas sim, como modos de operação do pensamento-signo que são processados na mente.

Ao discorrer sobre Primeiridade, Santaella (2005) afirma que se trata de uma consciência imediata tal qual é. Nada mais que a pura qualidade de ser e de sentir. A qualidade do pensamento imediato é uma impressão (sentimento), não analisável, indivisível, inocente e frágil. Sendo assim, a primeiridade será tudo aquilo que está presente na consciência de imediato. Aquilo que está na sua mente no instante presente ao se deparar com o signo.

O sentimento como qualidade é, portanto, aquilo que dá sabor, tom, matiz à nossa consciência imediata, mas é também paradoxalmente justo aquilo que se oculta ao nosso pensamento, porque para pensar precisamos nos deslocar no tempo, deslocamento que nos coloca fora do sentimento mesmo que tentamos capturar. A qualidade da consciência, na sua imediatez, é tão tenra que não podemos sequer tocá-la sem estragá-la. [...] Nessa medida, o primeiro (primeiridade) é presente e imediato, de modo a não ser segundo para uma representação. Ele é fresco e novo, porque, se velho, já é um segundo em relação ao estado anterior. Ele é iniciante, original, espontâneo e livre, porque senão seria um segundo em relação a uma causa. [...] Ele não pode ser articuladamente pensado; afirme-o e ele já perdeu toda sua inocência característica, porque afirmações sempre implicam a negação de uma outra coisa. [...] Esse estado-quase, aquilo que é ainda possibilidade de ser, deslança irremediavelmente para o que já é, e no seu ir sendo, já foi. Entramos no universo do segundo. (SANTAELLA, 2005, p. 9)

O universo do segundo é representado por um mundo real, reativo, que independe do pensamento, contudo, pensável. A secundidade é a categoria que define a existência cotidiana. Os fatos que nos são externos, coisas reais, factivas e que não despertam as nossas fantasias.

Santaella (2005, p. 11) afirma que a “secundidade é aquilo que dá à experiência seu caráter factual, de luta e confronto. Ação e reação ainda em nível de binariedade pura, sem o governo da camada mediadora da intencionalidade, razão ou lei”. Discorre também que

onde quer que haja um fenômeno, há uma qualidade, isto é, sua primeiridade. Mas a qualidade é apenas uma parte do fenômeno, visto que, para existir, a qualidade tem de estar encarnada numa matéria. A factualidade do existir (secundidade) está nessa corporificação material. A qualidade de sentimento não é sentida como resistindo num objeto material. É puro sentir, antes de ser percebido como existindo num eu. Por isso, meras qualidades não resistem. É a matéria que resiste. Por conseguinte,

qualquer sensação já é pivô do pensamento, aquilo que move o pensar, retirando-o do círculo vicioso do amortecimento. (SANTAELLA, 2005, p. 10)

Já o universo do terceiro impulsiona a falar em pensamento, mediação interpretativa entre nós e os fenômenos. A terceiridade aproxima-se do primeiro e do segundo numa síntese intelectual, que corresponde à inteligibilidade, ou pensamento em signos, por meio da qual representamos e interpretamos o mundo. A generalidade, continuidade, infinitude crescimento, difusão e inteligência são características do terceiro. Porém, a mais simples ideia de terceiridade é aquela de um signo ou representação. E esta diz respeito ao modo com que os seres simbólicos, estão postos no mundo.

Logo, pode-se dizer que, o azul, a simplicidade da cor contempla a primeiridade. Já o céu, como lugar, tempo, aqui e agora, onde se deslumbra o azul, reflete a secundidade. Já a terceiridade pode ser concebida por meio da síntese intelectual, da elaboração cognitiva — o azul no céu, ou o azul do céu .

O quadro 2 apresenta a tricotomia estabelecida por Peirce (1995) e analisadas por Santaella (2005) para os níveis de relações (significação, objetivação e interpretação) associados às categorias fenomenológicas (Primeiridade, Secundidade e Terceiridade).

	Significação	Objetivação	Interpretação
Signo em relação	a si mesmo	ao objeto dinâmico	ao interpretante
Primeiridade	Quali-signo	Ícone	Rema
Secundidade	Sin-signo	Índice	Dicente
Terceiridade	Legi-signo	Símbolo	Argumento

QUADRO 2 – CLASSIFICAÇÃO DOS SIGNOS SEMIÓTICOS
FONTE: ADAPTADO DE SANTAELLA, 2005.

O quadro acima apresenta na coluna de significação a primeira tricotomia, o signo em relação a si mesmo, ou seja no seu modo de ser, nas suas características e aparências. Na primeiridade é possível observar o quali-signo, que é uma qualidade sínica imediata, tal como a impressão causada por uma cor. Já a secundidade é contemplada pelo sin-signo, resultado da singularização do quali-signo. A terceiridade apresenta o legi-signo, resultante de uma impressão, convenções e leis estabelecidas socialmente.

Na coluna da objetivação, segunda tricotomia, observa-se o signo em relação ao objeto dinâmico. Na primeiridade encontra-se o ícone, que de forma semelhante ao quali-

signo, destacam alguns aspectos qualitativos do objeto. O ícone é o resultado da relação de semelhança entre signo e objeto que ele substitui. Na secundidade, assim como o sin-signo, o índice resulta de uma singularização. Um signo indicial é o resultado de uma a relação por associação. O índice se caracteriza pelo vestígio, pelos indícios. Na terceiridade assim como o legi-signo, o símbolo resulta da convenção estabelecida socialmente. A relação entre o signo e o objeto é arbitrária, legitimada por regras.

Na última coluna tem-se a interpretação, conhecida como terceira tricotomia. Refere-se ao signo em relação ao interpretante. Na primeiridade o rema corresponde a um termo, a um enunciado impassível de averiguação de verdade. Na secundidade tem-se o dicente, com isso no lugar de um termo, temos uma sentença. Tendo assim elementos para averiguação. Na terceiridade o argumento possui algo adicional informações comprobatórias, um raciocínio completo, justificado, com caráter conclusivo.

1.4 ANÁLISE SEMIÓTICA PARA A CIÊNCIA E GESTÃO DA INFORMAÇÃO

É sabido que a gestão da informação é um campo interdisciplinar que vem sendo ampliado cada vez mais com grande fluxo de informação provenientes das diversas tecnologias de comunicação da atualidade. Qualquer tipo de fonte de informação está sujeita a uma análise de gestão. Sejam elas orais, escritas ou visuais. Jornais, revistas, DNA, fotografias e músicas são, dentre outras possibilidades, fontes de informações passíveis de uma análise e gerenciamento.

Sendo a gestão da informação um campo interdisciplinar que abrange a Ciência da informação (CI), administração e tecnologia da informação, tem-se a necessidade de compreender os processos de significação que ocorrem neste âmbito. Moura (2006) evidencia “a necessidade de articulações teóricas mais amplas, na medida em que a preocupação com o fenômeno informacional não é exclusividade de uma dada área de conhecimento”. Logo, a tentativa de estabelecer uma relação com a Gestão da informação e a semiótica se dá por meio da Ciência da Informação. Que é, segundo ele

notadamente uma ciência voltada para a compreensão dos fenômenos informacionais e se constitui pela aproximação de distintos campos de conhecimento [...] interfaces entre informação e semiótica efetiva-se como um desafio inelutável. De nossa perspectiva a centralidade do desafio reside na urgência do estabelecimento de uma “virada semiótica” na orientação dos estudos referentes aos processos informacionais. (MOURA, 2006, p. 2)

Para Souza-Leite e Toutain (2011, p. 1) a Semiótica associada à CI amplia o conceito de informação, pois, a partir disso, a informação é aceita não somente como informação registrada ou proferida verbalmente, é também imagética.

Moura (2006) afirma que a informação é um signo e que deu início a consciência semiótica a partir da revolução industrial com a proliferação e a difusão de informações. Essa consciência intensificou a constituição de um campo científico capaz de criar indagação e instrumentos metodológicos para se analisar os fenômenos sógnicos.

Souza-Leite e Toutain (2008, p. 5) considera, que em estruturas significantes, toda a informação compreendida é transformada em conhecimento. Segundo o autor, as estruturas devem ser conhecidas para trazer clareza ao fenômeno da informação, pois é sobre o meio e suas variáveis que o cientista da informação propõe soluções aos problemas no processo de informação.

Ao abordar o "processamento de signos" Pinto (1996, p. 1-2) afirma que o homem além de ser um animal que processa informação de maneira biológica por via sensorial, também é um animal semiótico, pois utiliza a informação para prever um futuro estado de coisas.

Sabe-se que o processo de comunicação é necessário para diversas atividades do dia-a-dia. Desde os primórdios, os homens buscam maneiras de se relacionar com o próximo, seja por meio de desenhos, escritas, falas ou gestos. Todas estas maneiras de se comunicar são códigos representados por signos. Com o passar dos anos e com as tecnologias evoluindo, comunicar nem sempre ocorre em tempo real. Fez com que se criassem códigos passíveis de interpretação por diferentes pessoas com o mesmo significado, ou não, em diferentes locais. Deste modo, segundo Souza-Leite e Toutain (2011), um indivíduo pode registrar uma informação/conhecimento e, após algum tempo, ter acesso ao mesmo documento. O sujeito poderá interpretá-lo de modo diferente, outro interpretante também poderá dar sentido distinto a informação.

O autor afirma também que a representação é permanente, simultânea e contínua e que demanda a utilização da visão e da mente. As quais são requisitos fundamentais para o sujeito realizar o processo de significação.

Visto a correlação dos signos com informação e a semiótica como ciência geral dos signos, é possível inferir a importância desta área ligada a Ciência e Gestão da Informação. Barros e Café (2012, p. 2-3) apresentam de forma clara a ligação entre a Ciência da Informação e a Semiótica.

A Ciência da Informação tem, nos processos de significação, um importante aspecto que impacta no dimensionamento e tratamento do seu objeto de estudo. Esses meandros da interpretação e significação tornam-se de interesse da Ciência da Informação, uma vez que ela necessita, especialmente no âmbito da organização e representação do conhecimento, interpretar e resignificar diferentes visões de mundo, que serão representadas por estruturas conceituais. No âmbito da organização e representação da informação, A CI desenvolve métodos para interpretar diferentes constituições textuais – nem sempre verbais –, de forma que um terceiro elemento (o usuário) esteja apto a recodificar essa interpretação, por meio de uma interpretação própria.

Os autores descrevem ainda que as ferramentas, técnicas e metodologias de obtenção de conceitos adotados pela Ciência da Informação, resgatadas da Linguística e Terminologia, são importantes para o processo de significação oriundos de forma precedente à aplicação das técnicas no âmbito da análise documental.

2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS PARA UM ESTUDO DE SEMIÓTICA APLICADA

A fim de alcançar os objetivos propostos foi necessário identificar os procedimentos que serviram como diretrizes para nortear o desenvolvimento da presente pesquisa. A partir disso, esta seção apresentará elementos como a caracterização da pesquisa e suas etapas. Conforme mostra a figura 4 abaixo:

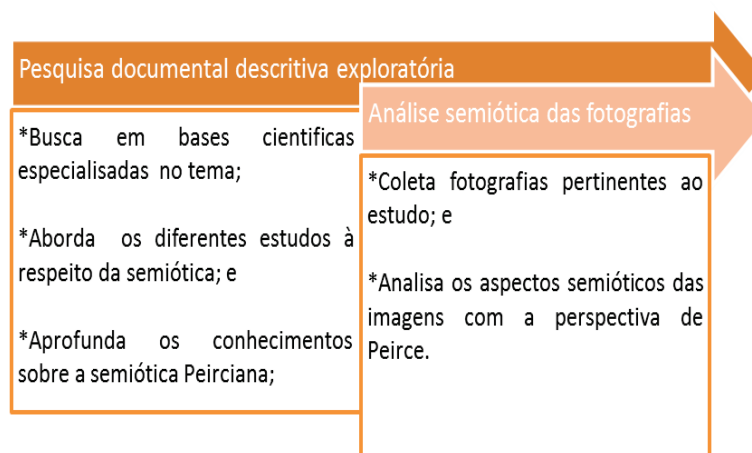


FIGURA 4– PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS
FONTE: a autora (2015).

Os tópicos a seguir buscam demonstrar como cada procedimentos metodológicos se desenvolveu. A perspectiva didática foi a da pesquisa documental descritiva exploratória seguido para a análise semiótica aplicada das fotografias.

2.1 PESQUISA DOCUMENTAL DESCRITIVA EXPLORATÓRIA

A pesquisa possui caráter documental descritivo exploratório para dar suporte ao estudo aqui realizado. Gil (2002) afirma que pesquisa exploratória tem como “objetivo proporcionar maior familiaridade com o problema, com vistas a torná-lo mais explícito ou a constituir hipóteses”.

Também conhecido como revisão bibliográfica Gil (2002) define a pesquisa bibliográfica como sendo uma investigação desenvolvida com base em material já elaborado.

Logo, a pesquisa bibliográfica constituirá, principalmente, de livros e artigos científicos de bases especializadas na área e de reconhecimento nacional e internacional.

Antes de partir para a explicação do procedimento de análise das fotografias é necessário descrever que esta pesquisa tem caráter qualitativo, pois não se têm a pretensão de quantificar ou medir a intenção das fotos para o leitor, e sim; analisar situações estritamente particulares de cada imagem e seu contexto. A pesquisa qualitativa permitirá descrever com maior profundidade as particularidades dos signos presentes em cada conjuntura por meio da análise semiótica.

2.2 ANÁLISE SEMIÓTICA DA FOTOGRAFIA

O objeto de estudo adotado, o livro Projeto Coopera possui 143 elementos passíveis de análise, conforme pode ser visto no quadro 3:

Tipo de ilustração	1 unidade	2 unidade	3 unidade	4 unidade	Total	% relativa as 143 ilustração
Fotografias	15	34	26	21	96	67,13
Pintura	12	4	0	1	17	11,88
Charges	2	7	5	2	16	11,18
Publicidades	1	2	5	0	8	5,59
Mapas	2	0	0	0	2	1,39
História em quadrinhos	0	0	0	1	1	0,69
Gráfico	0	0	0	1	1	0,69
Arquivo	1	0	0	0	1	0,69
Gravura	1	0	0	0	1	0,69
TOTAL	34	47	36	26	143	100,0

QUADRO 3 – DISTRIBUIÇÃO DE ILUSTRAÇÕES NO LIVRO PROJETO COOPERA
FONTE: a autora (2015).

É possível constatar com esse quadro a relevância das fotografias no livro didático de história para representação o passado, por meio das 96 fotos, equivalente a 67,13% das ilustrações do livro do Projeto Coopera. Logo, este estudo focou em analisar esse tipo de imagem em conjunto com seu contexto didático. Tendo como população as 96 fotografias avalia-se como uma amostragem satisfatória uma análise de 10% ou mais das imagens.

Com base nas definições de semiótica já apresentadas precisou-se compreender o percurso para a aplicação da semiótica. Sendo assim, Santaella (2005, p. 29-30) afirma que:

O primeiro olhar que devemos dirigir a eles é o olhar contemplativo. Contemplar significa tornar-se disponível para o que está diante dos nossos sentidos. Desautomatizar tanto quanto possível nossa percepção. Auscultar os fenômenos. Dar-lhes chance de se mostrarem. Deixá-los falar. Para Peirce, essa capacidade

contemplativa corresponde à rara capacidade que tem o artista de ver as cores aparentes da natureza como elas realmente são, sem substituí-las por nenhuma interpretação. Nossas interpretações vêm sempre muito depressa, sem nos dar tempo para simplesmente nos abirmos com certa singeleza para o que se apresenta. Essa candidez intelectual nos disponibiliza para as primeiras impressões tanto sensórias quanto abstratas que os fenômenos despertam em nós.

Em nível de análise da atenção foi levado em consideração para este estudo, primeiramente, o fundamento do signo em si, ignorando todos os outros aspectos do signo, tanto sua relação com o objeto como com o interpretante. Depois da análise do fundamento, pôde-se passar para a análise do objeto do signo. Neste ponto de vista, analisou-se a relação do signo com o objeto e à capacidade de referencial ou não do signo. Levou-se em consideração, que o signo tem dois objetos: o dinâmico e o imediato. Seguindo a análise, verificou-se o processo interpretativo em todos os seus níveis, pois é só nesta relação com o interpretante que o signo completa sua ação como signo.

Santaella (2007, p. 34-35) a respeito do percurso dos signos afirma que:

A primeira espécie de olhar é aquela que leva em consideração apenas o aspecto qualitativo do signo, apenas sua face de qualisigno. [...] A segunda espécie de olhar é aquela que leva em consideração apenas o aspecto existente de um signo, isto é, o sin-signo.[...] A terceira espécie de olhar que devemos dirigir ao fundamentado do signo é aquela que leva em conta a propriedade da lei, o legi-signo como fundamento.

A fim de se apresentar uma técnica de decomposição dos signos, Santaella (2005) define, por meio, das três variáveis da tríade de Peirce; o signo, interpretante, objeto e suas derivações, abrindo-se ao fenômeno e fundamento do signo através de suas características com relação a si; qualisioigno, sinsigno, legissigno.

1. Explorar o poder sugestivo indicativo e representativo do signo através do objeto, subdividindo em dinâmico e imediato.
2. Acompanhar os níveis interpretativos do signo através do interpretante, subdividindo em dinâmico, imediato e final.
3. Acompanhar os níveis interpretativos do signo por meio do interpretante, subdividindo em dinâmico, imediato e final

Para desenvolver uma análise semiótica crítica criou-se um roteiro com cinco passos que foram seguidos, como demonstrado a seguir:

1. Selecionou-se 10 fotografias presente no livro didático do projeto Coopera de modo aleatório e foi verificado se as fotografias pertenciam a um subconjunto de fotografias. (Exemplo: o autor do livro apresentou duas ou mais fotografias para representar o mesmo contexto didático)

2. Criou-se uma planilha² para a inserção dos dados de cada fotografia analisada.
3. Utilizou-se teorias e conceitos definidos pelos autores consagrados da semiótica de modo a se abstrair e preencher as tabelas com os dados da análise.
4. Transcreveu-se os dados das planilhas para textos de análises aprofundados.
5. Ponderou-se a respeito da conglomerada análise de imagens e discorreu-se sobre o assunto no capítulo: “Análise da Semiótica Aplicada às fotografias”.

A fim de verificar como esses planos foram executados ao longo do tempo, apresenta-se a seguir os cronogramas de execução da pesquisa.

2.3 CRONOGRAMA

O cronograma (figura 5), a seguir, apresenta de modo sistemático como ocorreu o desenvolvimento do trabalho no 1º semestre de 2015.

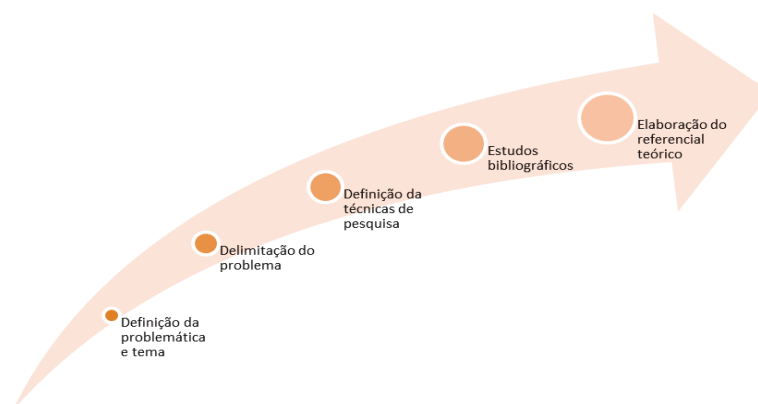
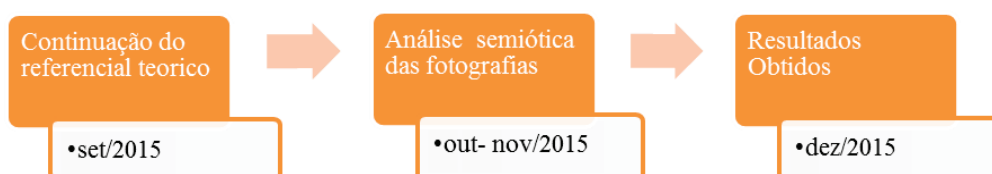


FIGURA 5 - CRONOGRAMA: 1º SEMESTRE DE DESENVOLVIMENTO DO ESTUDO

FONTE: a autora (2015).

Para o segundo semestre desenvolveu-se outro cronograma (figura 6) para melhor resolver os problemas aqui apresentados.



² As planilhas e os dados tabulados das análises semióticas estão dispostos no capítulo de apêndice deste estudo.

FIGURA 6– CRONOGRAMA: 2º SEMESTRE DE DESENVOLVIMENTO DO ESTUDO
 FONTE: a autora (2015).

Já o quadro 4, a baixo, apresenta o planejamento detalhado de cada etapa da pesquisa no ano de 2015. Iniciado pela definição da problemática seguindo até a descrição dos resultados obtidos no estudo.

Etapas	Atividade	Data de início	Data de entrega
1	Definição da problemática	09/03/2015	20/03/2015
2	Delimitação do problema	23/03/2015	03/04/2015
3	Definição das técnicas de pesquisa	06/04/2015	24/04/2015
4	Estudos bibliográficos	27/04/2015	22/06/2015
5	Elaboração do referencial teórico	01/08/2015	25/09/2015
6	Análise da semiótica aplicada	28/09/2015	13/11/2015
7º	Descrição dos resultados obtidos	16/11/2015	27/11/2015

QUADRO 4 – CRONOGRAMA DETALHADO DA PESQUISA
 FONTE: a autora (2015).

3 SEMIÓTICA APLICADA: ANÁLISES FOTOGRÁFICAS

A aplicação da semiótica deste trabalho esta apresentada a seguir com a divisão de quatro tópicos. No primeiro tópico o estudo aborda o primeiro conjunto de fotografia que retrata a antiga e atual Rua XV de Novembro, localizada na capital do Estado de São Paulo. Em seguida, o conjunto dois relatará as diferenças sociais existentes no ensino brasileiro do início deste século e a evolução da democratização do estudo do começo do século passado para este. A terceira análise verificou diferentes tipos de manifestação do Movimento dos Trabalhadores Rurais sem Terra (MST) em duas fotografias, a primeira contempla uma passeata dos reivindicantes e a segunda mostra a ocupação de terras latifundiárias. A quarta análise refere-se às manifestações ocorridas em 1992, intitulada “Fora Collor”, e de 2013, intitulada “Manifestações de Junho”.

3.1 CONJUNTO 1 – ANTES E DEPOIS DA RUA XV DE NOVEMBRO, SÃO PAULO

Esta análise é composta pelas fotografias 3 e 4 . Estas imagens fazem parte do primeiro capítulo do livro do Projeto Coopera e para facilitar a identificação do conjunto intitulou-se este grupo de fotografias como: Conjunto 1 – Antes e depois da Rua XV de Novembro, São Paulo.

Os autores do livro sugerem no manual do professor que o objetivo didático destas fotografias é mostrar aos alunos e professores as transformações que o sucesso das lavouras de café ocasionaram na época colonial na Rua do Rosário, atual Rua XV de Novembro, em São Paulo, SP.



FOTOGRAFIA 3 – RUA DO ROSÁRIO, SÃO PAULO

FONTE: LUCCI E BRANCO (2014).

NOTA: Autor da fotografia: Marc Ferrez. Ano: 1892.

A fotografia 3, apresentada na página 16 do livro didático, expõe como signo principal a cor monocromática sugerindo passado. Os edifícios, as diversas carruagens, a circulação de pessoas e as marquises dispostas em frente a alguns edifícios, sob a ótica dos seus ícones sugere-se que a Rua do Rosário era um centro comercial da cidade de São Paulo. A fotografia produz na mente de seu interpretante imediato a história (antiguidade) e a formalidade de um período por meio dos trajes de quem personifica a fotografia.

É possível observar na estética das marquises dos edifícios características singulares entre si que sugerem a representação de uma época. Já as carruagens, a limpeza e organização da rua são signos presentes que aludem à nobreza que ali frequentava.

Um observador com conhecimentos de época, à localidade, e aos frequentadores da rua pode observar os aspectos de como a Rua do Rosário passou de uma rua residencial frequentada por negros, africanos e ex-escravos, que tinham sua fé voltada a igreja do rosário ali localizada, para uma rua com alta concentração de lojas sofisticadas por meio do sucesso das lavouras de café e que recebeu o cortejo do imperador D. Pedro II e a Imperatriz alterando o nome para Rua Imperatriz. Posteriormente o nome da rua tornar-se-ia Rua XV de Novembro, referindo-se a proclamação da república e assim sendo frequentada pela massa brasileira.

O Lucci e Branco (2014) descrevem como legenda da fotografia a seguinte frase: “Rua do Rosário, de Marc Ferrez. Fotografia de cerca de 1892. Acervo Instituto Moreira Salles, São Paulo, SP.”, identificando local e data que a imagem foi capturada. Contudo esta legenda não basta para a compreensão da imagem. Os alunos necessitarão de leitura de texto que acompanha a imagem de modo a identificar maiores elementos. Todavia, precisará de

uma análise mais crítica para observar os aspectos da fotografia como os que a semiótica apresentou.



FOTOGRAFIA 4 – RUA XV DE NOVEMBRO, SÃO PAULO

FONTE: LUCCI E BRANCO (2014).

NOTA: Autor da fotografia: Marcelo Piu, ano: 2012.

A fotografia 4 tem como aspectos da primeiridade as cores, as pessoas caminhando, a diversidade de vestimentas, os edifícios, as diferentes faixa etárias e as multifacetadas dos integrantes da foto, o que sugere a concentração da diversidade do povo brasileiro.

Na secundidade observa-se o tráfego exclusivo de pedestres, o que indica ser uma rua de grande circulação de pessoas. Além de ser uma rua com uma quantidade relevante de comércios aludindo, assim, um fluxo importante de capital para a região.

Também é possível observar as vestimentas dos homens e mulheres, os quais indicam a modernidade, o século XXI. Pode-se observar, ainda, as estruturas preservadas e repaginadas da sociedade contemporânea como a estética de alguns prédios e a rua de paralelepípedo. Já as pessoas caminhando, a sujeira na rua, a bicicleta no canto direito da foto sugerem que a rua frequentada pela nobreza atualmente é composta pela massa brasileira, pelo povo.

Como terceiridade observa-se que a Rua XV de Novembro é conhecida no Brasil todo como uma rua de comércio popular e de grande circulação de pedestres.

De maneira ampla, é possível observar nas fotografias 3 e 4 grandes mudanças da sociedade, como a transformação política, econômica e social. Antes uma rua residencial frequentada por negros devido a Igreja do Rosário, posteriormente pela nobreza, tendo como foco a monarquia e economia cafeeira, e atualmente, com a proclamação da república, a massa popular brasileira começou a frequentar a via expandindo o comércio da região.

Na fotografia 4 os autores descrevem como legenda a frase: “Atualmente a Rua do Rosário é a Rua XV de novembro, toda pavimentada para a circulação de apenas pedestres. Fotografia de 2012”. De modo a apresentar aos alunos a transição de nome da rua e indicando que atualmente a rua é voltada somente para os pedestres. Ou seja, os autores contemplam de modo parcial o objetivo das imagens, pois dão a possibilidade dos professores e alunos discutirem em sala de aula ambas as fotografias por meio de exercícios de visualização informação. Todavia a muito mais nas imagens que podem ser abordado pelos autores para agregar conhecimento aos alunos, como demonstrado nas análises semióticas aqui aplicadas que não são descritos pelos autores no contexto didático.

3.2 CONJUNTO 2 - DIFERENÇAS NO ENSINO BRASILEIRO DE 1900 AOS DIAS ATUAIS

As fotografias de 5 a 8 compõe a análise semiótica do segundo capítulo do livro. Para facilitar a identificação do conjunto intitulou-se este grupo de fotografias como: Conjunto 2 – Diferenças no ensino Brasileiro de 1900 aos dias atuais.

A intenção deste conjunto de fotografias, de acordo com os autores do livro didático e do manual do professor, é representar as diferenças presentes em salas de aula no início do século passado para o atual. Lucci e Branco (2014) tentam ressaltar que a sociedade atual é mais democrática, com meninos e meninas estudando lado a lado, assim como afrodescendentes, indígenas e asiáticos, diferentemente do que ocorria no século passado.



FOTOGRAFIA 5 – ALUNOS EM CAETANO DE CAMPOS, SÃO PAULO
 FONTE: LUCCI E BRANCO (2014).
 NOTA: Autor desconhecido, fotografia registrada por cerca de 1900.

As fotografias presentes nas páginas 40 e 41. Em particular a fotografia 5 apresenta: cor preta e branca, e é possível observar que a textura da fotografia apresenta falhas. Essas duas observações sugerem que a fotografia é muito antiga. Além das vestimentas, sinônimo que a foto foi tirada no século passado. Neste ponto analisa-se o signo: a fotografia, com o seu objeto (o que ele representa): a sala de aula. Logo, a lousa, as carteiras, os livros, os estudantes, o professor, os cartazes e os quadros presentes tem o poder de sugerir que aquele ambiente representa uma sala de aula do século XX. Sendo assim, a fotografia produzirá na mente do interpretante imediato a um modelo de educação hierárquico, autoritário e segregada com relação a mulher, característica próprias de uma época. Aonde o professor deposita conhecimento nos estudantes do sexo masculino por meio de ditados e copia de textos do quadro. E as meninas ficam em casa, aprendendo os afazeres domésticos com as mães.

A fotografia 5 por meio de uma composição de interpretações: carteiras de madeiras com estudantes, aparentemente do ensino fundamental, fixando seus olhares nos livros presentes em cima da mesa de cada aluno, indicam que estão prestando a atenção (possivelmente) no ditado que o professor faz ao fundo da imagem. Mostra-se, assim a realidade existencial da fotografia a propriedade de sinsigno. O autoritarismo e rigidez do ensino educacional naquela época podem ser indicados através das feições, posturas, roupas dos alunos, jaleco do professor, escritas em molduras feitas a mão no quadro de giz de maneira impecável, indicando que um professor tenha feito os desenhos devido à destreza e altura do quadro.

A pintura ao fundo da sala com a personificação de um indivíduo representa o autoritarismo da época e a monarquia existente. Logo, pode-se dizer que as crianças estão sendo educadas ali para comportar-se dentro daquele regime político.

Sendo a intenção do legi-signo os aspectos de lei, a ação da lei é fazer com que esta fotografia se amolde a generalidade do conjunto proposto pelos autores do livro.

Para descrever e contextualizar a fotografia 5 os autores legendam a foto com a frase: “Meninos em sala de aula na escola pública de Caetano de Campos, em São Paulo, estado de São Paulo. Fotografia de cerca de 1900. Arquivo público do Estado de São Paulo.”. De modo a apresentar detalhes como local, ano, tipo de escola, e quem eram os alunos que frequentavam o ensino naquela época. Contudo não é possível identificar nesta frase nem no contexto didático maiores informações como as que a análise da semiótica traz.



FOTOGRAFIA 6 – ALUNOS EM ARAPIRACA, ALAGOAS

FONTE: LUCCI E BRANCO (2014).

NOTA: Autor da fotografia Eduardo Zappia, ano:2013.

Pode-se observar na fotografia 6, acima, signos, como: uniformes brancos, carteiras dispostas dois a dois, professor sem jaleco, o que sugere que a foto é atual e o ambiente escolar se tornou mais descontraído. A composição: professor escrevendo no quadro de giz, alunos olhando, principalmente, para o quadro, outros para o lado e outros para o caderno, o que revela a realidade existencial da foto através do sinsigno.

Além disso, pode-se observar signos como o quadro de giz, as paredes verde e brancas, uniforme padrões brancos e azuis, limpeza, organização e clareza da sala. Itens que o autor do livro utiliza para representar na mente do interpretante imediato como um ambiente de estudo fundamental com presença de brancos e mulheres. Como interpretante lógico dessa fotografia é possível observar características intrínsecas, signos específicos para compreender o que o autor do livro está querendo transmitir. Com os alunos de costas na foto não se tem noção de quem são as crianças, se brancos, negros ou asiáticos. Contudo, os signos: limpeza da sala, mochilas e bolsas rosas, lápis coloridos e cadernos enfeitados dão a sugestão ao leitor de que a turma é composta por brancos, mulheres e possivelmente asiáticos.

Na fotografia 6, os Lucci e Branco (2014) legendam a imagem com a frase: “Meninos e meninas em sala de aula na Escola Adriano Jorge, em Arapiraca, estado de Alagoas. Fotografia de 2013”. De modo a contribuir para a compreensão dos alunos sugerindo nesta legenda a ampliação do ensino para meninas que na fotografia 6 era inexistente. Porém, podem ser observados outros aspectos que não estão presentes na legenda e que foram observados na análise semiótica.



FOTOGRAFIA 7 – ALUNOS EM GUARAQUEÇABA, PARANÁ

FONTE: LUCCI E BRANCO (2014).

NOTA: Autor da fotografia Ernesto Reghran , ano: 2010.

Na fotografia 7, a composição: professor escrevendo no quadro de giz, alunos olhando, desatentos, para todos os lados, revela a realidade existencial da escola de Guaraqueçaba. Além disso, pode-se observar signos como cadeiras e mesas de estudantes velhas e desgastadas dispostas irregularmente, chão de concreto e sujo, telhado com o forro aparente, paredes amareladas e manchadas, estudantes do ensino fundamental de chinelos, vestimentas surradas e poucos materiais sobre as mesas (lápiz, cadernos, tesoura). Estes signos são uma tentativa do autor do livro para que os alunos identifiquem como um ambiente de estudantes; meninos e meninas negras, apesar de não ser possível identificar com clareza o personagem negro na foto. O autor apresenta esses elementos precários de pobreza e do ambiente como representação de elementos presentes e enraizados na cultura negra.

Para a fotografia 7 os autores descrevem como legenda a frase: “Alunos na comunidade rural de Barbados, em Guaraqueçaba, estado do Paraná”. Com a expectativa de mostrar aos estudantes outro contexto da Educação: a comunidade rural, que podem ser identificada através dos signos de precariedade da estrutura da sala e materiais utilizados, como mesas e carteiras.



FOTOGRAFIA 8– ALUNOS EM AMAJARI, RORAIMA

FONTE: LUCCI E BRANCO (2014).

NOTA: Autor da fotografia: Edson Sato, ano:2010.

Na fotografia 8 observam-se cadeiras e mesas coletivas velhas e quebradas dispostas em uma sala de pau a pique com chão de terra, crianças de idades diferentes em uma única sala de aula, na qual os menores estão sem roupa, já os estudantes mais velhos (acima de oito anos, aparentemente) utilizam vestimentas simples e todos sem calçados. O único que possui calça e chinelo sugere ser o professor, pela quantidade de livros e materiais sob sua mesa. Além disso, esses signos são uma tentativa do autor do livro para que os alunos identifiquem como um ambiente de estudantes indígenas, já que os personagens da foto estão de perfil e não podem ser identificados com clareza os traços físicos das pessoas. Logo o autor apresenta estes elementos precários do ambiente como sinônimo de ensino para todos (neste caso; dos indígenas).

A frase “Crianças ianomâmis em escola indígena na aldeia de Kolulu, em Amajari, estado de Roraima. Fotografia de 2010” é a legenda utilizada para identificar a fotografia 8. Na imagem é possível observar os signos utilizados para representar a legenda como o chão de terra e a estrutura de pau a pique, que são elementos presentes na atual cultura dos indígenas. Com a legenda da fotografia no livro didático é possível observar que essa é a realidade existencial dos estudantes indígenas de uma escola de Amajari.

Apesar do ambiente de ensino atual parecer mais descontraído nas fotografias 6 a 8 é possível observar que o modelo de educação antigo demonstrado na fotografia 5, por meio da hierarquia e autoritarismo, continua presente nestas imagens com os professores escrevendo

os conteúdos na lousa e os estudantes copiando. Todavia o ensino se tornou mais democrático com a participação de mulheres na sociedade e em salas de aula.

Um leitor visual dedicado com conhecimentos políticos e sociais analisaria as fotos 6 a 8 de maneira mais aprofundada verificando não só o fato de se ter um ensino contemporâneo abrangente a todos, mas também das diferenças sociais gritantes expostas aos alunos de um mesmo tipo de ensino: o ensino educacional público. Estas fotografias têm a propriedade de se trazer à tona questões como: quais os motivos das diferenças sociais em um mesmo tipo de ensino? Será que o aluno da foto 6 terá as mesmas condições de crescimento pessoal e profissional do aluno da foto 8? Algumas questões de responsabilidade social seria: será que o autor utilizou corretamente os signos para representar as diferenças dos povos? Não seria melhor se os traços dos rostos alunos tivessem à mostra para cumprir com o dever de identificação dos mesmos, ao invés de ter trazido características/signos preconceituosas para definir quem é quem?

Com isso, considera-se que o livro trabalha apenas alguns aspectos essenciais apresentados nesse conjunto de fotografia por meio de exercícios e atividades que estimulam as crianças a desenvolver educação visual. Os autores, contudo, não abordam pontos importantes apresentados na imagem como as diferenças sociais existentes nas diferentes regiões do Brasil na atual realidade social.

De modo geral, esse conjunto de fotografias apresenta não só a aceitação de homens e mulheres negros, indígenas, brancos, asiáticos que a educação brasileira recebeu desde o início do século passado como os autores do livro tentam mostrar, mas mostra também as diferenças sociais existentes em escolas públicas do Brasil na sociedade contemporânea. Além de identificar uma denuncia social na qual os autores através de signos, revelam a pobreza e as desigualdade sociais como representação de elementos presentes na cultura do negro e do índio.

3.3 CONJUNTO 3 – A SITUAÇÃO DO MOVIMENTO DOS TRABALHADORES RURAIS SEM TERRA

As fotografias 9 e 10 analisadas neste tópico fazem parte do terceiro capítulo do livro didático. Para facilitar a identificação do conjunto intitulou-se este grupo de fotografias como: Conjunto 3 – A situação do Movimento dos trabalhadores rurais sem terra.

Os autores do livro tem como objetivo didático apresentar aos alunos diferentes tipos manifestações (passeatas e ocupações) do Movimento dos trabalhadores Rurais Sem Terras por meio de fotografias



FOTOGRAFIA 9 – PASSEATA DO MST, BRASÍLIA

FONTE: LUCCI E BRANCO (2014).

NOTA: Autor da fotografia: Antonio Cunha, ano: 2014.

Na primeiridade da fotografia 9 predominam detalhes com a cor vermelha, pessoas com blusas brancas e vermelhas, bonés vermelhos e bandeiras vermelhas, sugerindo uma passeata de sindicância ou partidária. Pelo monumento atrás é possível situar a localização dos manifestantes que é em Brasília, mais precisamente no Congresso Nacional.

As cores e a bandeira gigante fazem com que o leitor associe a fotografia ao movimento dos trabalhadores rurais sem terra. No meio da bandeira a representação do Brasil com a cor verde simboliza as grandes extensões latifundiárias do País. Em uma abordagem mais aprofundada é possível perceber com esta fotografia que o Movimento dos Trabalhadores Rurais sem terra buscam pressionar o governo por meio de manifestações no congresso nacional para acelerar a reforma agrária e, assim, garantir terra à milhares de trabalhadores rurais.

A frase “Passeata dos integrantes do MST no eixo monumental e na esplanada dos ministérios, em Brasília”. É a legenda utilizada no livro didático para identificar o movimento e local do ocorrido. Contudo a fotografia mostra outras características e signos pertinentes que somente com uma análise aprofundada pode-se identificar.



FOTOGRAFIA 10 – ASSENTAMENTO DO MST, LONDRINA, PARANÁ

FONTE: LUCCI E BRANCO (2014).

NOTA: Autor da fotografia: Jonas Oliveira, ano:2011.

Na fotografia 10 é notável um campo aberto com cerca de arame e a frente uma estrada de chão de terra, o que sugere uma propriedade rural. Dentro do latifúndio há construções de lona e madeira em forma de barraco, que aludem à moradias e a frente dessas casas, bandeiras vermelhas, indicando o MST.

As construções de lona e madeira, indicam uma ocupação precária e provisória. Pela bandeira é possível observar que representam o movimento. Na análise da terceiridade é possível afirmar que o MST utiliza de manifestações como ocupações de terras para acelerar o processo de reforma agrária que ocorre no Brasil.

É possível observar também que esta é uma discussão de reforma agrária que se inicia no campo e duela com o urbano na capital federativa, denunciando, assim, uma luta de classes e que vem sendo debatida de longa data e perdura na sociedade atual. Pode-se notar esta intenção da fotografia por meio da edificação idealizada por Jucelino Kubistschek em 1955, na fotografia 9, mostrando que mesmo após anos o problema continua.

Neste contexto as fotografias do conjunto 3 ressaltam a cor vermelha, que pode ser compreendida como signo de identidade e de um ideal defendido pelos manifestantes associados à esquerda, ao socialismo e ao marxismo. Uma bandeira pautada na igualdade social.

A fotografia 10 possui como legenda a frase: “Assentamento do MST em Lerroville, região de Londrina, PR. Fotografia de 2011”. A legenda busca introduzir aos alunos outro tipo de manifestação utilizada pelo grupo, que são os assentamentos. Porém não apresenta maiores informações como as que foram abordadas aqui.

O autor trabalha os aspectos da fotografia com superficialidade, apesar dos textos e legendas acompanharem as imagens, e estimularem a educação visual, não há profundidade no aspectos intrínsecos da fotografia.

Com as fotografias desse conjunto é possível observar dois tipos de manifestações do MST para acelerar o processo de reforma agrária por parte dos governantes, por meio de passeatas e ocupação. Também é possível verificar fortemente a cor vermelha como um signo da manifestação presente nas fotografias.

3.4 CONJUNTO 4 – DIFERENÇAS DAS MANIFESTAÇÕES DE 1992 E 2013

As fotografias 11 a 13 analisadas aqui fazem parte do quarto capítulo do livro. Para facilitar a identificação do conjunto intitulou-se este grupo de fotografias como: Conjunto 4 – Diferenças das manifestações de 1992 e 2013.

Os autores buscam ampliar os horizontes dos alunos mostrando além das manifestações do "Fora Collor" as manifestações de Junho de 2013 ocorridas em território nacional. O objetivo aparente das fotografias é mostrar a população brasileira saindo de suas casas e caminhando nas ruas em busca de sistemas políticos melhores e menos corruptos.



FOTOGRAFIA 11 – PASSEATA FORA COLLOR, 1992

FONTES: LUCCI E BRANCO (2014).

NOTA: Autor da fotografia: Eder Chiodetto, ano: 1992.

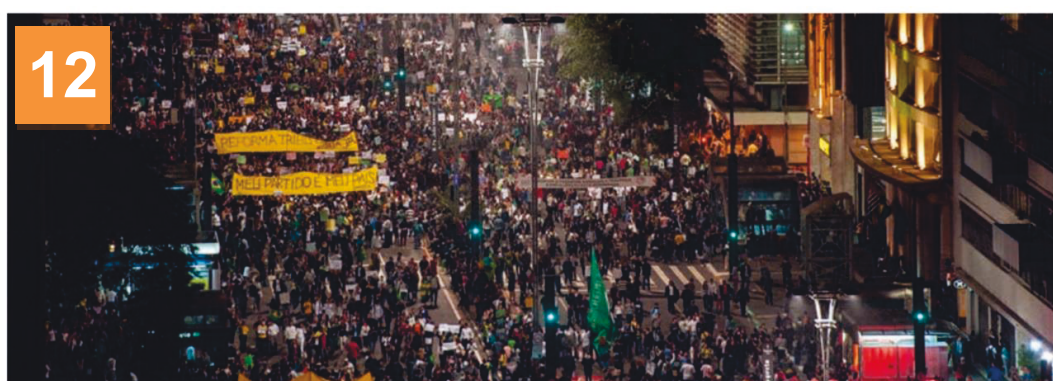
Em particular na primeiridade da fotografia 11 apresentam-se signos, como: jovens com faixas na cabeça escrita “justiça”, rostos e braços pintados, cartazes com dizeres de ordem e protestos. Tudo isto sugere uma manifestação, um protesto.

Como secundidade observa a repulsa de jovens estudantes com o então presidente Fernando Collor. Os cartazes empunhados indicam que os universitários pedem o impeachment do presidente, pois anuncia a frase “Fora Collor” revelando a ideia de expulsão.

As pinturas nos rostos e braços, assim como as faixas na cabeça e punhos erguidos sugerem que os jovens da imagem estão indo a luta, ao enfrentamento, a guerra, assim como índios quando pintam os corpos e rostos para batalha e orientais com as faixas na cabeça para lutarem artes marciais.

Pode-se observar na imagem a indignação dos estudantes com o atual governo Collor. O movimento "Fora Collor" se espalhou ao longo de todo o país, motivado pela massa estudantil que exigia o impeachment do então presidente Fernando Collor. Os rostos pintados dos manifestantes são um índice de expressão corporal utilizado como símbolo do movimento idealizado pelo Movimento Estudantil Brasileiro (MEB), motivado pelas denúncias de corrupção apontadas naquela época.

Para a fotografia 11 a legenda usada no livro didático é “O grito "Fora Collor" dos caras pintadas. Estudantes de todo o Brasil pintaram o rosto de verde-amarelo, vestiram-se de preto e tomaram as ruas para exigir o impeachment do presidente Collor. Fotografia de 1992.” Os autores conseguem por meio desta legenda e fotografia resumir o fato ocorrido nesta data para os estudantes do livro. Entretanto não ressaltam os signos das fotografia pertinentes ao estudo dos alunos.



FOTOGRAFIA 12 – PROTESTOS DE 2013 NO RIO DE JANEIRO

FONTES: LUCCI E BRANCO (2014).

NOTA: Autor da fotografia: Avener Prado, ano : 2013.



FOTOGRAFIA 13 – PROTESTOS DE 2013 NO RIO DE JANEIRO

FONTES: LUCCI E BRANCO (2014).

NOTA: Autor da fotografia: Fabio Motta, ano: 2013.

As fotografias 12 e 13 podem ser analisadas juntamente, pois possuem similaridades e tratam do mesmo acontecimento. Como primeiridade destas imagens tem-se como signos: pessoas da massa brasileira vestindo predominantemente preto, verde e amarelo, algumas até encapuzadas com preto, empunhando cartazes, faixas com dizeres de ordem e protestos. O que sugere a ideia de manifestação e revolta assim como a manifestação “Fora Collor”.

A secundidade é notada por meio do público jovem atraído pelas redes sociais, como indica a faixa principal “Somos a rede social”. Os ideais podem ser indicados pelos cartazes que cada cidadão segurava em suas mãos, todos eles demonstrando uma indignação a respeito do atual governo.

Do ponto de vista do interpretante pode-se observar a manifestação que teve início em Junho de 2013, o qual mostra as pessoas que lotavam as ruas de todo o Brasil. Os protestos que geraram repercussão nacional e internacional, primeiramente exigia a redução do preço da passagem, porém o protesto tomou diferentes rumos. Questão essa que pode ser observada nas fotografias através dos cartazes com as diferentes dizeres, como: reforma tributária e até a volta dos militares ao poder.

É possível observar signos como faixa de pedestres postes e edificações mostrando que a multidão caminha pelas vias públicas. Apesar de a rua estar implícita em todas as fotos do conjunto 4 apenas é visível nas fotografia 12 e 13, isso se dá pois a rua era um dos slogans desta manifestação, utilizados nas redes sociais, com a hashtag VEM PRA RUA.

Em busca de ampliar o conhecimento dos alunos os autores comparam as manifestações de 1992 às manifestações de 2013 por meio da legenda da primeira imagem: “Manifestações em São Paulo. Fotografia de junho 2013. Os protestos de 2013 foram os maiores no país desde as manifestações do impeachment de Fernando Collor, em 1992.

Geraram grande repercussão nacional e internacional, sobretudo nos meio de comunicação”. (LUCCI E BRANCO, 2014)

Já a legenda da fotografia 13 ressalta que as revoltas de 2013 ocorreram por meio da internet: “Manifestação do Rio de Janeiro. Fotografia de junho de 2013. A internet foi fundamental nesses protestos. As redes sociais foram usadas pela população para reunir, criticar e mostrar o que esteve acontecendo nas ruas”. (LUCCI E BRANCO, 2014)

Apesar dos autores explicitarem, nas legendas e textos que acompanham as imagens, as causas e a origem dos protestos ocorridos em 1992 e em 2013 é possível ampliar o estudo, como mostrar aos estudantes as semelhanças das duas manifestações, movidas por jovens brasileiros indo as ruas em busca de melhores governos. E as diferenças como a que o ideal concretizado do primeiro protesto fez com que a resposta do governo fosse mais eficaz do que no segundo protesto, os quais os brasileiros protestavam por diferentes causas perdendo seu foco inicial (as passagens do transporte coletivo).

3.5 ANÁLISE DA SEMIÓTICA APLICA ÀS FOTOGRAFIAS

Uma conclusão inicial é que os conjuntos de fotos trazem elementos do passado sempre ao lado de signos do presente, os quais buscam situar a história numa análise contextual, que ajuda a explicar a situação social econômica e política brasileira. As imagens possuem densidade crítica nos signos que trazem, por isso são capazes de contemplar o objetivo do livro que é “compreender as transformações, conhecendo as mudanças e as permanências, as diferenças e semelhanças.”(LUCCI e BRANCO, 2014). Contudo, os autores não abordam estes aspectos críticos latentes e trabalham apenas alguns aspectos da fotografia. Apesar dos textos e legendas acompanharem as imagens, e estimularem a educação visual, não há profundidade nos aspectos intrínsecos da fotografia.

Além disso, é possível observar que os quatro conjuntos contemplam de modo parcial as sugestões dos autores. Pois as imagens abrem margens para trabalhar mais de um assunto que poderiam ter sido abordados de maneira textual pelos autores para ampliar ainda mais os conhecimentos dos alunos.

Um dos exemplos de outros assuntos a serem citados é o Conjunto 2, no qual poderia ter sido abordado a desigualdade social existente no ensino fundamental público de diferentes

estados brasileiros na atualidade. Mais afundo, poderia ter sido dada a sugestão dos alunos e professores discutirem em sala de aula, por meio de exercícios de compreensão: quais os motivos ocasionam essa diferença social. Estas perspectivas de análise e encaminhamento estão presentes nas imagens, a partir dos signos que elas trazem, mas não no conjunto da obra.

O segundo exemplo vem do Conjunto 4, que ao invés de somente apresentar aos alunos as duas manifestações poderia ter trabalhado com a comparação dos movimentos verificando as causas e soluções. Um exercício de visualização de imagens comparando os dois movimentos poderia auxiliar ainda mais na identificação de signos que colaborassem para este entendimento pelas crianças.

Com as análises semióticas nota-se que as fotografias estão sendo usadas como imagens meramente ilustrativas, de modo a aludir o contexto didático indicado, gerando, com isso, uma superficialidade nas possibilidades de leituras da fotografia como elemento histórico. Isto parte do pressuposto que as fotografias podem ser usadas por alunos e professores para a construção de sentido ou representação do conhecimento se for feita uma análise mais crítica por eles. Neste sentido, comprova-se a hipótese desse estudo e sinaliza-se para outros horizontes, que permitam analisar dentro de sala de aula como os alunos e professores estão abordando essas imagens.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com esse estudo é possível afirmar que as fotografias presentes no livro didático do Projeto Coopera são plausíveis de representação do conhecimento histórico de modo a agregar valor ao aprendizado dos alunos. Entretanto, os autores não elucidam o contexto didático da disciplina às imagens. Também não abordam os aspectos críticos latentes que as fotografias proporcionam. Trabalham apenas alguns aspectos da fotografia sem a densidade crítica mostrada pela semiótica.

Além disso, foi possível verificar que os quatro conjuntos de fotografias abrem margens para graves denúncias como a desigualdade social, movimentos políticos, sociais e econômicos da massa brasileira. Todavia essas discussões não foram abordadas no livro de modo a ampliar ainda mais os conhecimentos dos alunos.

A partir da descrição das ideias apresentadas até aqui é possível inferir, também, que representar o conhecimento por meio da fotografia para estudantes é imprescindível e deve ser feito de maneira adequada, se possível, por meio de um cuidado na representação do conteúdo que leve em consideração análises críticas, como, por exemplo, as que provenham da Semiótica.

É importante ressaltar que para as crianças o contato com essas e outras fotografias do livro acompanhado de uma análise interpretativa é essencial, pois oferece aos meninos e meninas a educação visual básica necessária para compreender publicidades, imagens de mídias sociais, quadrinhos ou até mesmo desenhos. Por isso, é de extrema importância que os livros didáticos e professores abordem, com frequência, figuras não só de modo ilustrativo, mas de modo a corroborar com o conhecimento dos futuros jovens.

A gestão da informação, por sua vez, teve papel importante para a construção desta pesquisa, pois trabalha com diversos conceitos e disciplinas do curso, como: aspectos da semiótica da informação, design da informação, cultura da informação, análise da informação e conhecimento, entre outras.

Por ser um recurso informacional visual as fotografias fornecem informações direto da fonte primária, de modo a representar a realidade do fato ocorrido com maior clareza, que

por vezes podem não ser bem representadas de forma textual. Logo, por ser uma área interdisciplinar, a GI contribuiu ao utilizar-se de técnicas de análise e representação da informação.

É importante ressaltar, que este estudo não generaliza as análises dos resultados e nem as considerações finais de modo a afirmar que todas as fotografias, da maneira que estão inseridas nos livros didáticos, não corroboram para a representação do conhecimento para as crianças, para isso seria necessário ampliar as análises para diferentes livros didáticos do ensino fundamental.

A principal contribuição acadêmica desta pesquisa é a base para novas discussões a respeito da análise semiótica e representação do conhecimento didático através da fotografia. Para contribuições futuras ressalta a continuação dos estudos dentro de salas de aulas, de modo a verificar se os professores e alunos estão utilizando as fotografias de modo crítico, observando os signos presentes nas imagens. É possível, também, verificar com os autores do livro ou das fotografias a real intenção da obra a fim de auxiliar no processo de aprendizado.

REFERÊNCIAS

AS TRICOTOMIAS PEIRCEANAS: Classificação dos signos. Classificação dos signos. **Semiótica Online**. ago. 2012. Disponível em: <<https://semioticaonline.wordpress.com/>>. Acesso em: 11 nov. 2015.

BARROS, Camila Monteiro de; CAFÉ, Lígia Maria Arruda. Estudos da semiótica na Ciência da Informação: relatos de interdisciplinaridades. **Perspectivas em Ciência da Informação**, Florianópolis, v. 3, n. 17, p. 18-33, jul. 2012. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/pci/v17n3/a03v17n3.pdf>>. Acesso em: 11 nov. 15.

BARTHES, Roland. **A câmara clara**: Nota sobre Fotografia. Lisboa: Edições 70, 2010. 141 p.

BRASIL. **Dados estatísticos**: PNLD. Disponível em: <<http://www.fn.de.gov.br/programas/livro-didatico/livro-didatico-dados-estatisticos>>. Acesso em: 25 maio 2015.

BRASIL. **PNLD**. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/index.php?Itemid=66&id=12391&option=com_content&view=article>. Acesso em: 25 maio 2015.

BRIGIDI, Fabiana Hennies. **Fotografia**: uma fonte de informação. 2009. 71 f. Monografia (Especialização) - Curso de Biblioteconomia, Ufrgs, Porto Alegre, 2009. Disponível em: <<http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/18712/000717631.pdf?sequence=1>>. Acesso em: 26 maio 2015.

BUENO, Silvana Beatriz. **Acesso e uso da informação no ambiente educacional: as fontes de informação**. 2006, v. 11, n. 1. Disponível em: <<http://revista.acbsc.org.br/racb/article/view/464/583>>. Acesso em: 07 maio 2015.

CANABARRO, I. S. ; **Fotografia, história e cultura fotográfica**: aproximações. Estudos Ibero-Americanos, Porto Alegre, v. XXXI, p. 23-39, 2005.

CIACARELI, Nisley. A fotografia na sala de aula, a problemática da fonte imagética. Da efemeridade ao trabalho com a sensibilidade do olhar. In: III Encontro Nacional de Estudos da Imagem, 2011, Londrina. **Encontro Nacional de Estudos da Imagem**. Londrina: UEL, 2011. p. 2246 - 2261. Disponível em: <[http://www.uel.br/eventos/eneimagem/anais2011/trabalhos/pdf/NISLEY CIACARELI 1.pdf](http://www.uel.br/eventos/eneimagem/anais2011/trabalhos/pdf/NISLEY%20CIACARELI%201.pdf)>. Acesso em: 24 nov. 2015.

COLOMBO, Fabiano José. **A importância do trabalho educativo com ilustrações de livros de literatura infantil**. UNESP. s.d.. Disponível em: <http://alb.com.br/arquivo-morto/edicoes_anteriores/anais16/sem08pdf/sm08ss10_05.pdf>. Acesso em: 26 maio 2015.

CUNHA, Murilo Bastos da; CAVALCANTI, Cordélia Robalinho de Oliveira. **Dicionário de Biblioteconomia e Arquivologia**. Brasília: Briquet de Lemos Livros, 2008. 451 p.

FRANK, Marion. **Por que a criança precisa de um livro ilustrado?** Abril; São Paulo, 2014. Disponível em: <<http://educarparacrescer.abril.com.br/leitura/crianca-precisa-livro-ilustrado-703684.shtml>> Acesso em: 07 maio 2015.

GEJÃO, Natalia Germano. Fotografia e ensino de história: mediadores culturais na construção do conhecimento histórico. **Antíteses**, Londrina, v. 2, n. 3, p. 1-11, jun. 2009. Disponível em: <<http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/antiteses/article/view/1940/2197>>. Acesso em: 11 nov. 2015.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo, v. 4, 2002.

KODAK. **History of Kodak**. Disponível em: <http://www.kodak.com/ek/US/en/George_Eastman.htm>. Acesso em: 20 jun. 2015.
KOSSOY, Boris. **Fotografia e história**. São Paulo: Ática, 1994.

LUCCI, Elian Alabi; BRANCO, Anselmo Lazaro. **Projeto Coopera: História**. São Paulo: Editora Saraiva, 2014. 128 p. Disponível em: <<http://pnld.editorasaraiva.com.br/leitor/210/45872/>>. Acesso em: 24 nov. 2015.

MAUAD, Ana Maria. ATRAVÉS DA IMAGEM: FOTOGRAFIA E HISTÓRIA INTERFACES(. **Tempo**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 2, p. 73-98, fev. 1998. Disponível em: <http://www.historia.uff.br/tempo/artigos_dossie/artg2-4.pdf>. Acesso em: 11 nov. 2015.

MIKLÓS, Vincze. **The Strangest Tradition of the Victorian Era: Post-Mortem Photography**. Io9. 13 abr. 2013. Disponível em: <<http://io9.com/the-strangest-tradition-of-the-victorian-era-post-mort-472772709>>. Acesso em: 20 jun 2015.

MOURA, M. A. ; **Ciência da Informação e semiótica: conexão de saberes**. Encontros Bibli (UFSC), v. 2, p. 1-17, 2006.

MUSSOI, Arno Bento; SANTOS, Wanda Terezinha Pacheco dos. A FOTOGRAFIA COMO RECURSO DIDÁTICO NO ENSINO DE GEOGRAFIA. **Dia A Dia Educação**, Curitiba, p.1-22, maio 2008. Disponível em: <<http://goo.gl/nByKKJ>>. Acesso em: 11 nov. 15.

PEIRCE, Charles Sanders. **Semiótica**. 2ª ed., São Paulo: Perspectiva, 1995

PEIRCE, Charles Sanders. **Semiótica**. 3ª ed., São Paulo: Perspectiva, 2005

PINTO, Júlio. Semiótica e Informação. **Perspec. Ci. Inf.**, Belo Horizonte, v. 1, n. 1, p.87-92, jun. 1996. Disponível em:
<http://www.brapci.inf.br/_repositorio/2010/08/pdf_3f548f8709_0011625.pdf>. Acesso em: 11 nov. 2015.

REIS, Waleska Dacal. **A fotografia como suporte didático para professores do ensino fundamental**. Alagoas: Secretaria do Estado da Educação . Disponível em:
<http://www.histedbr.fe.unicamp.br/acer_histedbr/seminario/seminario6/EnsinoFundamental/Fotografia.doc>. Acesso em: 26 maio 2015

RODRIGUES, Maryana; HEMERICH, Luana. **Dia da Fotografia**. 2014. Disponível em:
<<http://www.upf.br/nexjor/?p=30758>>. Acesso em: 25 maio 2015.

SANTAELLA, Lúcia. **Semiótica aplicada**. São Paulo, SP: Thomson, 2005.104p.

SANTAELLA, Lúcia. **O que é Semiótica**. São Paulo, SP: Brasiliense, 2007. 18 p.

SANTANA, Aurelane Alves;et al. **A utilização das imagens e fotografias como recursos didáticos para a espacialização dos conteúdos**. Bahia, s.d. Disponível em:
<<http://goo.gl/qII5pq>>. Acesso em: 07 maio 2015.

SOUZA, Rosa Fátima de. Fotografias escolares: a leitura de imagens na história da escola primária. **Educar**, Curitiba, v. 1, n. 18, p. 75-101, nov. 2001. Disponível em:
<<http://www.scielo.br/pdf/er/n18/n18a07.pdf>>. Acesso em: 11 nov. 2015.

SOUZA-LEITE, Martinho de; TOUTAIN, Lidia M. B. Brandão. Estruturas significantes da Ciência da Informação: Aplicação social da informação. **Revista de Ciência da Informação**, Bahia, v. 9, n. 3, p. 1-30, jun. 2008. Disponível em:
<http://www.dgz.org.br/jun08/Art_04.htm>. Acesso em: 11 nov. 15.

TESSARI, Anthony Beux. Fotografia na história e no ensino de História. **Aedos**, Porto Alegre, v. 4, n. 11, p.1-20, out. 2012. Disponível em:
<<http://seer.ufrgs.br/index.php/aedos/article/view/30773/20882>>. Acesso em: 11 nov. 2015.

TOREZAN, Isabela Mara Valle. **Fotografia e informação:** Aspectos gerais de análise e indexação da imagem. 2007. 121 v. Dissertação (Mestrado) - Curso de Ciência da Informação, UNB, Brasília, 2007. Disponível em: <http://bdtd.bce.unb.br/tesesimplificado/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=1527>. Acesso em: 25 maio 2015.

TROYAN, D. ; FREITAS, M.C.D. ; ISHIDA, C. Y. . Geração de imagem esférica em 360 graus como estratégia de aprendizagem aplicada no âmbito escolar. Extensão em Foco (Curitiba), v. 8, p. 1-19, 2013. **Ciência da Informação e Semiótica:** conexão de saberes

APÊNDICE

CONJUNTO 1 – ANTES E DEPOIS DA RUA XV DE NOVOEMBRO, SÃO PAULO

CARACTERÍSTICAS TÉCNICAS DA FOTOGRAFIA/CONJUNTO			
Quantas fotografias fazem parte desse conjunto	(x) 2 () 3 () 4		
Capítulo do livro	(x) 1 () 2, () 3 () 4		
Página(s) do livro	16		
Indicador	FOTO 3		FOTO 4
Autor	Marc Ferrez/Acervo instituto Moreira Salles		Marcelo Piu / Agencia o globo
Ano	1892		2012
Local	Rua do Rosário,(atual rua XV de novembro, São Paulo, SP)		Rua do Rosário, São Paulo
Legenda	Rua do Rosário, de Marc Ferrez. Fotografia de cerca de 1892. Acervo Instituto Moreira Salles, São Paulo, SP.		Atualmente a Rua do Rosário é a Rua XV de novembro, toda pavimentada para a circulação de apenas pedestres. Fotografia de 2012.
Análise técnica da imagem fotográfica	COR: Preto e branco; EXPOSIÇÃO: OK; LUZ: Natural; ÂNGULO: Frontal (de baixo) ENQUADRAMENTO: Aberto		COR: Colorido; EXPOSIÇÃO: OK; LUZ: Natural; ÂNGULO: Aéreo ENQUADRAMENTO: Aberto
ASPECTOS SEMIÓTICOS DA INFORMAÇÃO FOTOGRÁFICA			
Contexto didático (objetivo didático)	Os autores tem como objetivo fazer com que os alunos percebam o sucesso das lavouras de café na época colonial através das alterações decorrentes na rua do rosário(atual rua Xv De Novembro, em São Paulo, SP).		
Descrição do conjunto (objetivo aparente)	As fotografias mostram as mudanças, crescimento e evolução da rua XV de novembro de 1892 para 2012.		
Primeiridade	Quali-signo (ao signo)	A fotografia apresentada na página 16 apresenta como signos as cores monocromáticas, sugerindo uma foto antiga. Os edifícios que cercam a rua, as diversas carruagens ao longo de toda a rua do Rosário, a circulação de pessoas e as marquises dispostas em frente a alguns edifícios, sob a ótica dos seus ícones, sugere-se que a rua do Rosário era um centro comercial da cidade de São Paulo. A fotografia produz na mente de seu interpretante imediato a história(antiguidade), a seriedade.	Tem-se como aspectos da primeiridade as cores, as pessoas caminhando, as roupas das pessoas, a diversidade de vestimentas, faixa etárias, as multifacetas dos integrantes da foto, representando a diversidade do povo brasileiro.
	Ícone (objeto dinâmico)		
	Rema (interpretante)		
Secundidade	Sin-signo (ao signo)	Sob a composição das interpretações é possível observar as marquises nos edifícios, que representam lojas e comércios ao longo da rua, por suas faixadas clássicas é possível afirmar que são lojas de luxo voltadas a nobreza. As carruagens fazem parte do notável fluxo veículos e pessoas	É observado na fotografia o trafego exclusivo de pedestres, sugerindo assim ser uma rua de grande circulação de pessoas. Além de ser uma rua com diversidades de comércios, o que indica fluxo relevante de
	Índice (objeto dinâmico)		
	Dicante (interpretante)		

		com alto poder de barganha.	capital para os comerciantes.
Terceiridade	Legi-signo (ao signo)	Na terceiridade podem ser analisados os aspectos de como a rua do rosário passou de uma rua residencial para uma rua com concentração de lojas sofisticadas através do sucesso das lavouras de café. Além da transição de uma rua com frequentadores negros, africanos, ex-escravos para a rua onde ocorreu o cortejo do imperador D. Pedro II e a Imperatriz. Transformando o nome da Rua do Rosário (advindo do nome da igreja que localizava ali) para Rua da Imperatriz.	Como terceiridade observa-se a popularização dos centros urbanos. A imagem demonstra a democratização da rua XV de novembro. Um ambiente para todas as classes: pobre, ricos, jovens, idosos. Atualmente rua XV de novembro é conhecida no Brasil todo como uma rua de comercio popular acessível a todos os públicos e de grande circulação.
	Simbolo (objeto dinâmico)		
	Argumento (interpretante)		
ANÁLISES E RESULTADOS			
O livro trabalha os aspectos da fotografia com profundidade didática envolvendo os estudantes e professores?		(x)Sim ()Não ()Às vezes	
Comentário sobre a pergunta anterior		No manual do professor os autores dão aos professores e alunos discutirem em sala de aula ambas as fotografias, basta o professor incentivar os estudantes seguindo as orientações do livro.	
Resultado da análise do conjunto		Foi possível observar nas fotografias grandes mudanças da sociedade , na Rua XV De Novembro, localizada na capital de São Paulo, no período de XIX a XXI. Observou-se mudanças, como: democratização do acesso, tráfego exclusivo de pedestres além da popularização dos comércios.	

CONJUNTO 2 - DIFERENÇAS NO ENSINO BRASILEIRO DE 1900 AOS DIAS ATUAIS

CARACTERÍSTICAS TÉCNICAS DA FOTOGRAFIA/CONJUNTO				
Quantas fotografias fazem parte desse conjunto	() 2 () 3 (x) 4			
Capítulo do livro	() 1 (x) 2 () 3 () 4			
Página(s) do livro	40-41			
Indicador	FOTO 5	FOTO 6	FOTO 7	FOTO 8
Autor	(Não identificado) Arquivo Público do estado de São Paulo, SP	Eduardo Zappia (Pulsar imagens)	Ernesto Reghran (Pulsar Imagens)	Edson Sato (Pulsar imagens)
Ano	Cerca de 1900	2013	2010	2010
Local	escola pública de Caetano de Campos, São Paulo	Escola estadual Adriano Jorge, Alagoas	Escola na comunidade de Barbados, Guaraqueçaba, Paraná	Escola na Aldeia do Kolulu , Amajari, Roraima
Legenda	Meninos em sala de aula na escola pública Caetano de Campos, em São Paulo, estado de São Paulo. Fotografia de cerca de 1900. Arquivo Público do Estado de São Paulo.	Meninos e meninas em sala de aula na Escola Adriano Jorge, em Arapiraca, estado de Alagoas. Fotografia de 2013.	Alunos em escola rural na comunidade de Barbados, em Guaraqueçaba, estado do Paraná.	Crianças ianomâmis em escola indígena na aldeia de Kolulu, em Amajari, estado de Roraima. Fotografia de 2010.
Análise técnica da imagem fotográfica	COR: Preto e branco; EXPOSIÇÃO: superexposta; LUZ: Natural; ÂNGULO: Diagonal; ENQUADRAMENTO: Fechado.	COR: Colorida; EXPOSIÇÃO: ok; LUZ: Natural; ÂNGULO: Indireto (posterior) ENQUADRAMENTO: Fechado	COR: Colorida; EXPOSIÇÃO: ok; LUZ: Natural; ÂNGULO: Indireto (posterior) ENQUADRAMENTO: Fechado	COR: Colorida; EXPOSIÇÃO: ok; LUZ: Natural; ÂNGULO: Indireto (posterior) ENQUADRAMENTO: Fechado
ASPECTOS SEMIÓTICOS DA INFORMAÇÃO FOTOGRÁFICA				
Contexto didático (objetivo didático)	A intenção do conjunto de fotografias de acordo com o manual do professor é representar as diferenças presentes em salas de aula no início do século passado e no início do atual, identificando que na sociedade atual meninos e meninas podem estudar juntos assim como afrodescendente, indígenas e asiáticos.			
Descrição do conjunto (objetivo aparente)	Apesar da intenção da obra, as fotografias nos mostram algo além do que o livro pretende mostrar, como; a desigualdade social existente na sociedade contemporânea. E que apesar dos autores do Projeto Coopera querem mostrar que atualmente estudantes afrodescendentes e asiáticos podem frequentar a escola Brasileiras nenhuma das fotografias mostra, claramente, negros ou asiáticos presentes na sala de aula.			
Primeiridade	Quali-signo (ao signo)	As fotografias presentes nas páginas 40 e 41 são signos capazes de produzir efeitos interpretativos na mente dos leitores. Em particular essa fotografia apresenta: cor preto e branca, a	Pode-se observar nesta fotografia signos, como: uniformes, carteiras dispostas irregularmente, professor sem jaleco o que sugere que a foto é	Pode-se observar cadeiras e mesas de estudantes velhas e desgastadas dispostas irregularmente, chão de concreto e sujo, telhado com o forro
	Ícone (objeto dinâmico)			Pode-se observar cadeiras e mesas coletivas velhas e quebradas dispostas em uma sala de pau a pique com chão de terra, crianças de idades diferentes em uma
	Rema			

	(interpretante)	superfície da fotografia apresenta falhas. Essas duas observações sugerem que a fotografia é muito antiga. Além das roupas e seriedade apresentada na fotografia, sinônimo que a foto foi tirada no século passado. Neste ponto analisa-se o signo: a fotografia, com o seu objeto(o que ele representa): a sala de aula. Logo, a lousa, a carteiras, os livros, os estudantes, o professor, os cartazes e os quadros presentes tem o poder de sugerir que aquele ambiente representa uma sala de aula. A fotografia produzirá na mente do interpretante imediato a seriedade, rigidez e historia (antiguidade) da foto	atual e o ambiente escolar se tornou mais descontraído sem a seriedade apresentada na fotografia do século passado. Pode-se observar nesta fotografia signos, como: o quadro de giz, as paredes verde e brancas, uniforme padrões brancos e azuis, limpeza, organização e clareza da sala. Itens nos quais o autor do livro busca representar como sinônimo da presença de homens brancos, mulheres e asiáticos. Devido a todos os personagem da foto estarem de costas. A fotografia produzirá na mente do interpretante imediato um ambiente de estudo atual para o ensino educacional infantil.	aparente, paredes brancas manchadas, cartazes expostos de atividades dos alunos, os estudantes do ensino infantil de de chinelos, poucos materiais sobre as mesas (um lápis, um caderno, uma tesoura). esse signos são uma tentativa do autor do livro para que os alunos identifiquem como um ambiente de estudantes; meninos e meninas negras, apesar de não ser possível identificar com clareza o personagem negro na foto. O autor apresenta esses elementos precários e a pobreza do ambiente como sinônimo de ensino para todos(neste caso os negros).	única sala de aula, na qual os menores estão sem roupa, já os estudantes mais velhos (acima de oito anos, aparentemente) utilizam vestimentas simples e todos sem chinelos, o único que possui calça e chinelo sugere ser o professor pela quantidade de livros e materiais sob sua mesa. Esses signos são uma tentativa do autor do livro para que os alunos identifiquem como um ambiente de estudantes indígenas já que os personagens da foto estão de perfil e não pode ser identificado com clareza os traços físicos dessas pessoas. Logo o autor apresenta esses elementos precários do ambiente como sinônimo de ensino para todos (neste caso os dos indígenas).
Secundidade	Sin-signo (ao signo)	A fotografia 1 através de uma composição de interpretações: carteiras de madeiras com estudantes, aparentemente do ensino infantil, fixando seus olhares nos livros presentes em cima da mesa de cada aluno, indicando que estão prestando a atenção, possivelmente, na leitura que o professor faz ao fundo da imagem. Mostrando assim a realidade existencial da fotografia a propriedade de sinsigno. A seriedade e rigidez do ensino educacional naquela época podem ser indicadas através das feições, posturas, roupas dos alunos, jaleco do professor, escritas em molduras feitas a mão no quadro de giz de maneira impecável, indicando que	A composição: professor escrevendo no quadro de giz, alunos olhando, principalmente, para o quadro, outros para o lado e outros para o caderno revela a realidade existencial da foto através do sinsigno. O interpretante lógico dessa fotografia deverá observar características intrínsecas, signos específicos para compreender o que o autor do livro esta querendo transmitir. Com os alunos de costas e desatentos na foto não se tem noção de quem são as crianças, se brancos, negros, asiáticos, contudo os signos limpeza da sala mochilas e	A composição: professor escrevendo no quadro de giz, alunos olhando, desatentos para todos os lados revela a realidade existencial da escola de Guaraqueçaba. O interpretante lógico dessa fotografia, deverá observar características intrínsecas, signos específicos para compreender o que o autor do livro esta querendo transmitir. Com os alunos de costas e desatentos na foto não se tem noção de quem são as crianças, se brancos, negros ou asiáticos, contudo os signos que dão sugestão de sujeira, precariedade e pobreza	O interpretante lógico dessa fotografia, observará características intrínsecas/ signos específicos para compreender o que o autor do livro esta querendo transmitir. Com os alunos de perfil na foto não se tem noção de quem são as crianças, se brancos, negros, asiáticos ou indígenas, contudo os signos e composição: professor escrevendo no quadro de giz, crianças escrevendo, olhando, para o quadro, outros desatentos, crianças de varias faixa etárias, alguns de ainda no colo(provavelmente do irmão mais velho), crianças sem nenhuma roupa, ou com
	Índice (objeto dinâmico)				
	dicente (interpretante)				

		um professor tenha feito os desenhos devido a destreza e altura do quadro. Em nível de interpretante lógico essa figura esta nesse conjunto de fotografia não só para ser compreendida pelo professor mas também pelos alunos que leram, por isso o grau de compreensão dessa fotografia deve ser de fácil acesso a todos	bolsas rosas, lápis coloridos, cadernos enfeitados darão a sugestão ao leitor de que a turma é composta por brancos, mulheres e possivelmente asiáticos.	transmitirão ao leitor de que a a fotografia é composta, predominantemente, por homens e mulheres negros.	vestimentas bem simples e de pés descalços, sala de pau a pique , chão de barro, com somente iluminação do dia representam a realidade dos estudantes indígenas de uma escola de Amajar.
Terceiridade	Legi-signo (ao signo)	Sendo a intenção do legi-signo os aspectos de lei, a ação da lei é fazer com que uma única fotografia se amolde a generalidade do conjunto proposto pelos autores do livro nas páginas 40 e 41 do livro didático. Símbolos dizem respeito o que a obra representa enquanto fotografia do presente conjunto	Sendo a intenção do legi-signo os aspectos de lei, a ação da lei é fazer com que uma única fotografia se amolde a generalidade do conjunto proposto pelos autores do livro nas páginas 40 e 41 do livro didático. Um leitor visual dedicado com conhecimentos políticos sociais analisaria essas três ultimas fotos de maneira mais aprofundada verificando não só o fato de se ter um ensino contemporâneo abrangente a todos, mas também das diferenças sociais gritantes expostas aos alunos de um mesmo tipo de ensino: o ensino educacional público. essas fotografias tem a propriedade de se trazer a tona questões como: quais os motivos das diferenças sociais em um mesmo tipo de ensino? será que o aluno da foto terá as mesmas condições de crescimento pessoal e profissional do aluno da foto b? Algumas questões de responsabilidade social seria: será que o autor utilizou corretamente os signos para representar as diferenças dos povos? Não seria melhor se os traços dos alunos tivessem expostos para cumprir com o dever de identificação dos mesmos, ao invés de ter trazido características/signos preconceituosas para definir quem é quem?		
	Símbolo (objeto dinâmico)				
	Argumento (interpretante)				
ANÁLISES E RESULTADOS					
O livro trabalha os aspectos da fotografia com profundidade didatica envolvendo os estudantes e professores?		()Sim ()Não (x)Às vezes			
Comentario sobre a pergunta anterior		O livro trabalha apenas alguns aspectos essenciais apresentados nesse conjunto de fotografia através de exercícios e atividades que estimulam as crianças a desenvolver educação visual. Os autores , contudo, não abordam pontos importantes apresentados na imagem como as diferenças sociais existentes nas diferentes regiões do Brasil na atual realidade social.			
Resultado da análise do conjunto		Com esse conjunto de fotografias foi possível observar não só a aceitação de homens e mulheres negros, indígenas, brancos, asiáticos que a educação infantil tomou desde de 1900, como os autores do livro tentam mostrar, mas mostra também a diferenças sociais existente em todos esses ambientes. Além de ser possível identificar uma denuncia social na qual os autores através de signos como precariedade, pobreza, limpeza e organização tentam sugerir a "raça" daqueles estudantes.			

CONJUNTO 3 – A SITUAÇÃO DO MOVIMENTO DOS TRABALHADORES RURAIS SEM TERRA

CARACTERÍSTICAS TÉCNICAS DA FOTOGRAFIA/CONJUNTO		
Quantas fotografias fazem parte desse conjunto	(x) 2 () 3 () 4	
Capítulo do livro	() 1 () 2 (x) 3 () 4	
Página(s) do livro	78	
Indicador	FOTO 9	FOTO 10
Autor	Antonio Cunha /CB/DA Press	Jonas Oliveira/ Folhapress
Ano	2014	2011
Local	Esplanada dos ministérios, Brasília, DF	Lerrovile, Londrina, PR
Legenda	Passeata dos Integrantes do MST no Eixo Monumental e na Esplanada dos Ministérios, em Brasília, DF. Fotografia de 2014.	Assentamento do MST em Lerrovile, região de Londrina, PR. Fotografia de 2011.
Análise técnica da imagem fotográfica	COR: Colorido EXPOSIÇÃO: OK; LUZ: Natural; ÂNGULO: Frontal ENQUADRAMENTO: Fechado	COR: Colorido; EXPOSIÇÃO: OK; LUZ: Natural; ÂNGULO: Frontal ENQUADRAMENTO: Aberto
ASPECTOS SEMIÓTICOS DA INFORMAÇÃO FOTOGRÁFICA		
Contexto didático (objetivo didático)	Apresentar aos alunos através de fotografias as manifestações e ocupações do Movimento dos trabalhadores Rurais Sem Terras.	
Descrição do conjunto(objetivo aparente)	Mostra como se dão as manifestações e ocupações do MST, mostrando detalhes do movimento através de imagens contendo signos expressivos para o grupo como as barracas, cor vermelho e o logo.	
Primeiridade	Quali-signo (ao signo)	A fotografia numero 1 predomina detalhes com a cor vermelha, pessoas com blusas brancas e vermelhas, bonés vermelhos, bandeiras vermelhas sugerindo uma passeata de sindicância ou partidária. O monumento atrás é possível situar a localização dos manifestantes que é em Brasília mais precisamente no Congresso Nacional.
	Ícone (objeto dinâmico)	
Secundidade	Rema (interpretante)	É notável na fotografia 2 um latifúndio com cerca de arame e a frente e uma estrada de chão de terra o que sugere uma propriedade rural privada. Dentro do domínio há construções de lona e madeira de formas irregulares que aludem moradias de famílias. Afrente dessas moradias Bandeiras vermelhas espalhadas por toda a área.
	Sin-signo (ao signo)	
	Índice (objeto dinâmico)	
	dicente (interpretante)	As cores e a bandeira gigante faz com que o leitor visual associe a fotografia ao movimento dos trabalhadores rurais sem terra. No meio da bandeira a representação do Brasil com a cor verde simboliza as

		grandes extensões latifundiárias do País.	
Terceiridade	Legi-signo (ao signo)	Em uma abordagem mais aprofundada é possível perceber com esta fotografia que o Movimento dos Trabalhadores Rurais sem terra buscam pressionar o governo por meio de manifestações no congresso nacional para acelerar a reforma agrária e assim garantir terra à milhares de trabalhadores rurais.	Em análise da terceiridade é possível afirmar que o MST utiliza de manifestações como ocupações de terras privadas para acelerar o processo de reforma agrária . Pois assim o governo se sente pressionado por manifestantes e proprietários rurais.
	Simbolo (objeto dinâmico)		
	Argumento (interpretante)		
ANÁLISES E RESULTADOS			
O livro trabalha os aspectos da fotografia com profundidade didática envolvendo os estudantes e professores?		(x)Sim ()Não ()Às vezes	
Comentário sobre a pergunta anterior		O autor trabalha os aspectos da fotografia com profundidade didática através dos textos que acompanham as imagens, fazendo com que os alunos estimulem o pensamento e a educação visual.	
Resultado da análise do conjunto		Com as fotografias desse conjunto é possível observar dois tipos de manifestações do MST para acelerar o processo de reforma agrária por parte dos governantes através de passeatas e ocupação. Também é possível verificar fortemente a cor vermelha presente nas fotografias.	

CONJUNTO 4 – DIFERENÇAS DAS MANIFESTAÇÕES DE 1992 E 2013

CARACTERÍSTICAS TÉCNICAS DA FOTOGRAFIA/CONJUNTO				
Quantas fotografias fazem parte desse conjunto	() 2 (x) 3 () 4			
Capítulo do livro	() 1 () 2 () 3 (X) 4			
Página(s) do livro	104-105			
Indicador	FOTO 11	FOTO 12	FOTO 13	
Autor	Eder Chiodetto / Folhapress	Avener Prado / Folhapress	Fabio Motta / AE	
Ano	1992	2013	2013	
Local	Local não explicitado.(Nas ruas no Brasil)	São Paulo	Rio de Janeiro	
Legenda	O grito "Fora Collor" dos caras pintadas. Estudantes de todo o Brasil pintaram o rosto de verde-amarelo, vestiram-se de preto e tomaram as ruas para exigir o impeachment do presidente Collor. Fotografia de 1992.	Manifestações em São Paulo. Fotografia de junho 2013. Os protestos de 2013 foram os maiores no país desde as manifestações do impeachment de Fernando Collor, em 1992. Geraram grande repercussão nacional e internacional, sobretudo nos meio de comunicação.	Manifestação do Rio de Janeiro. Fotografia de junho de 2013. A internet foi fundamental nesses protestos. As redes sociais foram usadas pela população para reunir, criticar e mostrar o que esteve acontecendo nas ruas.	
Análise técnica da imagem fotográfica	COR: Colorido; EXPOSIÇÃO: OK; LUZ: Natural; ÂNGULO: Frontal ENQUADRAMENTO: Fechado	COR: Colorido; EXPOSIÇÃO: OK; LUZ: Natural; ÂNGULO: Aérea ENQUADRAMENTO: Aberto	COR: Colorido; EXPOSIÇÃO: OK; LUZ: Natural; ÂNGULO: Frontal ENQUADRAMENTO: Fechado	
ASPECTOS SEMIÓTICOS DA INFORMAÇÃO FOTOGRÁFICA				
Contexto didático (objetivo didático)	Os autores buscam ampliar os horizontes dos alunos comparando as manifestações do "Fora Collar" com as manifestações de Junho de 2013 ocorridas em território nacional.			
Descrição do conjunto (objetivo aparente)	O objetivo aparente das fotografias é mostrar a população brasileira saindo de suas casas e caminhando as ruas em busca de um sistema políticos melhor, com menos corrupção.			
Primeiridade	Quali-signo (ao signo)	Em particular esta fotografia apresenta: jovens com faixas na cabeça escrita “justiça”, rostos e braços pintados, cartazes com dizeres de ordem e protestos. Tudo isso sugere uma manifestação, um protesto.		
	Ícone (objeto dinâmico)			
	Rema (interpretante)	Como primeiridade tem-se nessas fotos pessoas da massa brasileira vestindo predominantemente preto, verde e amarelo, empunhando cartazes, faixas com dizeres de ordem e protestos. O que sugere a ideia de manifestação protesto assim como a manifestação “Fora Collor”.		
Secundidade	Sin-signo (ao signo)	A secundidade é notada através dos diferentes públicos atraídos pelas redes sociais, e motivados pelos diversos ideais da		
	Índice (objeto dinâmico)			

	Dicente (interpretante)	Fernando Collor. Os cartazes empunhados indicam que os universitários pedem o impeachment do presidente, pois anuncia a frase "Fora Collor".	manifestação. Indicados pelos cartazes em que cada cidadão impunha uma indignação a respeito do atual governo.
Terceiridade	Legi-signo (ao signo)	Pode-se observar na imagem a indignação dos estudantes com o atual governo Collor. O movimento "Fora Collor" se espalhou ao longo de todo o país, motivado pela massa estudantil que exigia o impeachment do antigo presidente Fernando Collor. Os rostos pintados dos manifestantes são um índice de expressão corporal utilizado como símbolo do movimento idealizado pelo Movimento estudantil brasileiro (MEB), motivado pelas denúncias de corrupção apontadas naquela época.	Do ponto de vista do Interpretante pode-se observar a manifestação que teve início em Junho de 2013, o qual mostra as pessoas que lotavam as ruas de todo o Brasil. Os protestos que geraram repercussão nacional e internacional, primeiramente exigia a redução do preço da passagem, porém o protesto tomou diferentes rumos. Questão essa que pode ser observada nas fotografias através dos cartazes com as diferentes reivindicações, como: reforma tributária e até a volta dos militares ao poder.
	Símbolo (objeto dinâmico)		
	Argumento (interpretante)		
	Argumento (interpretante)		
ANÁLISES E RESULTADOS			
O livro trabalha os aspectos da fotografia com profundidade didática envolvendo os estudantes e professores?		(<input checked="" type="checkbox"/>)Sim (<input type="checkbox"/>)Não (<input type="checkbox"/>)Às vezes	
Comentário sobre a pergunta anterior		O autor trabalha os aspectos da fotografia com profundidade através dos textos que acompanham as imagens, fazendo com que os alunos estimulem o pensamento e a educação visual.	
Resultado da análise do conjunto		Com este conjunto de imagens foi possível observar as semelhanças e diferenças do protesto ocorrido em 1992 e em 2013. É possível dizer que o ideal concretizado do primeiro protesto fez com que a resposta do governo fosse mais eficaz do que no segundo protesto, os quais os brasileiros protestavam por diferentes causas perdendo seu foco inicial(as passagens do transporte coletivo).	